



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA- PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES-CAMPUS III
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL- PROFLETRAS**

MARIA LÚCIA DA SILVA FERREIRA

**A PRODUÇÃO DE UM RELATO PESSOAL NA INTERTEXTUALIDADE COM A
LETRA DE CANÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NA EJA**

GUARABIRA-PB

2019

MARIA LÚCIA DA SILVA FERREIRA

**A PRODUÇÃO DE UM RELATO PESSOAL NA INTERTEXTUALIDADE COM A
LETRA DE CANÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NA EJA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – PROFLETRAS/UEPB, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de mestre. **Área de concentração:** Linguagens e Letramentos **Linha de Pesquisa:** Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba

GUARABIRA-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383p Ferreira, Maria Lúcia da Silva.
A produção de um relato pessoal na intertextualidade com a letra de canção [manuscrito] : uma experiência na EJA / Maria Lúcia da Silva Ferreira. - 2019.
90 p.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Edilma de Lucena Catanduba, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Gêneros Textuais. 3. Letra de Canção. 4. Relato Pessoal. I. Título

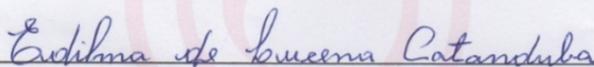
21. ed. CDD 374

MARIA LÚCIA DA SILVA FERREIRA

A PRODUÇÃO DE UM RELATO PESSOAL NA INTERTEXTUALIDADE
COM A LETRA DE CANÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NA EJA

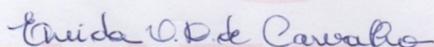
Data de aprovação: 16 / 05 / 2019

BANCA EXAMINADORA



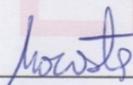
Prof.^a Dr.^a Edilma de Lucena Catanduba (UEPB)

Orientadora



Prof.^a Dr.^a Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho (UEPB)

Examinadora



Prof.^a Dr.^a Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti (UEPB)

Examinadora

Dedicatória

A minha mãe que nunca desistiu de mim.

Ao meu pai (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa não poderia ter sido realizada sem o apoio de todos que, de certa forma, me auxiliaram durante essa jornada. Sou grata primeiramente a Deus que me concedeu uma vida abençoada.

Ao meu marido Luiz Gonzaga pelo seu amor, incentivo, paciência e colaboração.

Aos meus filhos Lisandra e João Neto pela compreensão e paciência.

Às minhas irmãs que me apoiaram nos momentos mais difíceis, me ofereceram as condições necessárias para que eu pudesse frequentar as aulas e concluir a pesquisa.

À professora Edilma de Lucena Catanduba pela oportunidade, dedicação, orientações e, sobretudo, pelo imenso carinho a mim oferecido.

A todos os professores do PROFLETRAS que lutam, dia após dia, por um sistema educacional de qualidade.

A todos os meus amigos e amigas e companheiros do mestrado em especial Josélia Pontes Nogueira Silva e Renata Maria Fernandes de Oliveira.

É tão ruim, tão triste, deixar as coisas
acabarem da memória.

Natália Maria da Conceição Trabach
Ferreira

RESUMO

Independentemente das opções didáticas do professor, é preciso considerar que vivemos um momento de mudança de paradigma no ensino de língua Portuguesa. Hoje, é necessário que o professor observe o desenvolvimento global dos alunos em relação às suas capacidades de linguagem, é preciso buscar cada vez mais um ensino que garanta uma imersão com qualidade no mundo das práticas letradas. Logo, a presente dissertação tem como objetivo desenvolver a compreensão leitora e de escrita para que os alunos possam escrever textos autorais. Para tanto, traçamos alguns objetivos específicos tais como, desenvolver a prática de escuta na sala de aula, ler e compreender letras de canção, reconhecer nas letras de canção os sentimentos e apreensões humanas e por fim, identificar as características do relato pessoal e produzi-lo na sala de aula de acordo com as características estudadas. Fundamentamos nossa pesquisa em Marcuschi (2008) que trata dos gêneros textuais, sua finalidade no contexto social; Bakhtin (1997) que enfatiza o ponto de vista interacionista da linguagem; Antunes (2009), que aborda a intertextualidade e sua importância na construção do processo de leitura/escrita do texto. Fundamentamos ainda, nas orientações da BNCC BRASIL (2017), que norteia a formulação dos currículos, dos sistemas e das redes escolares dos estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como, as propostas pedagógicas das instituições escolares. Também em autores que discorrem acerca da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-ação, com viés bibliográfico e desenvolvimento de uma proposta de intervenção e análise qualitativa dos dados, realizada em uma das escolas estaduais do Município de Itabaiana-PB, no ciclo IV (8º e 9º ano do Ensino Fundamental) da modalidade EJA. Os dados da pesquisa foram coletados dos registros escritos realizados durante o desenvolvimento das atividades de intervenção com a sequência didática, adaptada do modelo sugerido por Dolz e Schneuwly (2004). De modo geral, o desenvolvimento da pesquisa nos permitiu concluir que o desempenho dos alunos na produção textual de um relato pessoal partindo da letra de canção melhorou consideravelmente. Ainda, foi perceptível por parte do professor que entre a primeira versão do texto e a segunda produção, os alunos agregaram em suas produções a letra de sua canção preferida, ampliando e colocando em seus textos os sentimentos e suas apreensões, fatores característicos tanto das músicas quanto do relato pessoal.

Palavras Chaves: Educação de jovens e adultos. Gêneros textuais. Letra de canção. Relato pessoal.

ABSTRACT

Regardless of the teaching options of the teacher, we must consider that we are experiencing a moment of paradigm shift in Portuguese language teaching. Today, it is necessary for the teacher to observe the students' global development in relation to their language skills, we must increasingly seek a teaching that guarantees a quality immersion in the world of literate practices. Therefore, the present dissertation aims to develop reading and writing comprehension so that students can write authorial texts. To this end, we have outlined some specific goals such as developing the practice of listening in the classroom, reading and understanding song lyrics, recognizing human feelings and apprehensions in song lyrics, and finally identifying the characteristics of personal and personal accountability. it in the classroom according to the characteristics studied. We base our research on Marcuschi (2008) which deals with textual genres, their purpose in the social context; Bakhtin (1997) who emphasizes the interactionist point of view of language; Antunes (2009), which addresses intertextuality and its importance in the construction of the reading / writing process of the text. We also base, in the guidelines of BNCC BRASIL (2017), which guides the formulation of curricula, systems and school networks of the states, the Federal District and the Municipalities, as well as the pedagogical proposals of the school institutions. Also in authors who talk about Youth and Adult Education. The research is characterized as an action research, with bibliographic bias and development of an intervention proposal and qualitative data analysis, carried out in one of the state schools of Itabaiana-PB, in cycle IV (8th and 9th grade). EJA mode. The research data were collected from the written records made during the development of intervention activities with the didactic sequence, adapted from the model suggested by Dolz and Schneuwly (2004). Overall, the development of the research allowed us to conclude that students' performance in the textual production of a personal story from the lyrics improved considerably. It was also noticeable by the teacher that between the first version of the text and the second production, the students added in their productions the lyrics of their favorite song, expanding and placing in their texts the feelings and their apprehensions, characteristic factors of both the songs. how much of the personal report.

Keywords: Youth and adult education. Textual genres. Song lyrics. Personal report.

LISTA DE SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

EJA: Educação de Jovens e Adultos

GRES: Gerências Regional de Ensino

OS: Organização Social.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Texto: Minha Primeira Professora, de Paulo Freire, 1994.....	43
Quadro 2	Questões de interpretação e análise do primeiro elemento constitutivo do gênero relato	45
Quadro 3	Proposta da produção inicial.....	45
Quadro 4	Ordem linear e cronológica dos fatos	46
quadro 5	Motivação para composição da música canção da America	52
Quadro 6	Texto para análise e interpretação da música Canção da América ...	53
Quadro 7	Gosto musical dos alunos	53
Quadro 8	direcionar o relato oral acerca da música preferida.....	54
Quadro 9	primeira produção textual da aluna A.....	56
Quadro 10	Texto 1- Análise da produção inicial.....	57
Quadro 11	Texto 1- Escrita final.....	58
Quadro 12	Texto 1- Análise de produção final	60
Quadro 13	Texto 2- Escrita inicial.....	60
Quadro 14	Texto 2- Análise da produção final	61
Quadro 15	Texto 2- Escrita final.....	62
Quadro 16	Texto 3 -Análise da produção final	63
Quadro 17	Texto 3- Escrita inicial.....	63
Quadro 18	Texto 3- Análise da produção inicial.....	64
Quadro 19	Texto 3- Escrita final.....	65
Quadro 20	Texto 3- Análise da escrita final	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 EDUCAÇÃO: MUDANÇAS OCORRIDAS A PARTIR DOS ANOS 2000	16
1.1 <i>Educação de Jovens e Adultos: Breve Histórico</i>	17
1.2 <i>Políticas de Investimento da EJA no Brasil</i>	18
2 LETRAMENTO NA EJA	21
2.1 <i>As Concepções de Linguagem</i>	22
2.2 <i>Gêneros textuais/discursivos: aspectos conceituais e funcionais</i>	24
2.3 <i>Gêneros textuais/discursivos e ensino</i>	26
2.4 <i>Fatores de textualidade: Ênfase na intertextualidade</i>	28
2.5 <i>O gênero textual música/letra de canção</i>	29
2.6 <i>Gênero textual/discursivo relato pessoal</i>	31
3 METODOLOGIA	33
3.1 <i>Perfil da escola</i>	37
3.2 <i>Perfil dos alunos participantes da pesquisa</i>	38
3.3 <i>Os sujeitos da pesquisa</i>	40
3.4 <i>Dados da pesquisa</i>	41
3.5 <i>Etapas e Procedimentos</i>	41
3.5.1 <i>Módulo I – Sensibilização e motivação</i>	42
3.5.2 <i>MÓDULO II – Intertextualidade: relações textuais</i>	50
3.5.3 <i>MÓDULO III – Conhecendo o gosto musical dos alunos</i>	53
3.5.4 <i>MÓDULO IV – A segunda produção: intertextualidade com a música preferida</i>	55
ANÁLISES DOS RESULTADOS	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

APÊNDICE A - Questionário para os alunos acerca do gosto musical preferido	72
ANEXOS	73
<i>ANEXO A - Relato pessoal</i>	<i>73</i>
<i>ANEXO B - Músicas / Letras de canções preferidas dos alunos</i>	<i>75</i>
<i>ANEXOS C - Música canção da América de Milton Nascimento e Fernando Brandt</i>	<i>79</i>
<i>ANEXO D - Primeiras Produções do Relato Pessoal</i>	<i>80</i>
<i>ANEXO E - Segunda Produção do Relato Pessoal</i>	<i>83</i>

INTRODUÇÃO

É impossível pensar em uma proposta educativa para a Educação de Jovens e Adultos, doravante EJA, que efetivamente se articule aos interesses dos alunos jovens e adultos trabalhadores, das classes populares, sem que se tenha em mente que aprender a produzir e compreender textos é aprender a linguagem. Deve-se, também, levar em consideração que o texto é a unidade básica do processo de ensino/aprendizagem na EJA.

Outro ponto a considerar é que a escola, ao pretender ensinar, deve levar em conta o que o aluno traz consigo, a sua experiência, a sua vivência, deve estabelecer uma continuidade que leve os alunos aos domínios dos novos conhecimentos. Essa perspectiva requer, assim, uma renovação metodológica. Aprendemos de formas diferentes. Portanto, o processo de ensino/aprendizagem deve ser significativo.

Assim, levando em consideração que é preciso ensinar a escrever na perspectiva do letramento e que as experiências dos alunos e seus conhecimentos de mundo são pontos essenciais para esse ensino, objetivamos, nessa pesquisa, desenvolver a compreensão leitora e de escrita para que os alunos possam escrever textos autorais.

Este trabalho traz como objetivos específicos desenvolver a prática de escuta na sala de aula, bem como, ler e compreender letras de canção, reconhecer nas letras de canção os sentimentos e apreensões humanas, e por fim, identificar as características do gênero textual/discursivo relato pessoal e produzir um relato pessoal na sala de aula, de acordo com as características estudadas atentando para sua composição, conteúdo e estilo.

E para que isso se concretize na prática, é oportuno destacar aqui a necessidade de que haja educador dotado de uma formação política libertadora e que esteja automaticamente disponível para perceber que o aluno da EJA precisa se identificar com o que está sendo ensinado para se sentir motivado à aprender.

Desse modo, a proposta de produção de texto que deve ser enfatizada na EJA é de uma interlocução real e concreta, baseada em gêneros textuais/

discursivos que estão presentes no dia a dia proporcionando aos alunos oportunidades de expor suas experiências, seus sentimentos e apreensões.

Para tanto, a letra de canção passa a constituir o ponto de partida da proposta de interação para se chegar à produção escrita de um relato pessoal, o que implica agregar à prática da leitura ações para que os alunos estabeleçam relações de linguagem, textos e contextos.

Para que possamos entender a importância dessa abordagem em sala de aula, desenvolvemos esta pesquisa que se caracteriza como uma pesquisa-ação, com viés bibliográfico, desenvolvimento de uma proposta de intervenção e análise qualitativa dos dados, realizada em uma das escolas estaduais do Município de Itabaiana-PB, no ciclo IV (8º e 9º ano do Ensino Fundamental) da modalidade EJA.

Os dados da pesquisa foram coletados dos registros escritos realizados durante o desenvolvimento das atividades de intervenção com a sequência didática, adaptada do modelo sugerido por Dolz e Schneuwly(2004), apresentação da situação, produção inicial, módulos de ensino e produção final. No capítulo reservado à metodologia, descrevemos os procedimentos de aplicação da sequência didática, suas etapas e as devidas atividades, dando ênfase aos aspectos relevantes do processo, no que se refere à leitura, compreensão, interpretação e produção do relato pessoal.

Foram realizadas as análises, os comentários que se fizeram pertinentes acerca das dificuldades encontradas na execução do projeto e das estratégias utilizadas para superá-las.

O aporte teórico que fundamentou esse trabalho é composto por estudiosos como Batista et all (2008), que tratam do letramento; Marcuschi (2008), que estuda gêneros textuais e sua funcionalidade; Bakhtin (1997), que trata dos gêneros textuais/discursivos segundo o qual a produção dos enunciados tem sempre um caráter coletivo, social de modo que é com as ideias dos outros que são tecidos nossos pensamentos; Antunes (2009), que estuda a intertextualidade como fator de construção de textos; Também recorreremos à BNCC BRASIL (2017), que orienta os currículos das escolas.

A pesquisa contribuiu na interação e no desenvolvimento dos níveis de leitura e escrita dos alunos da EJA, ciclo IV de uma escola estadual do Município de Itabaiana-PB, de modo que eles exteriorizaram seus sentimentos, seus anseios e iniciaram um processo de desenvolvimento de competência de leitura e escrita

ampliando a capacidade de interpretar e de produzir relatos pessoais. O resultado da proposta também contribuiu para a manutenção e interesse dos alunos pelas práticas de linguagens.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, reúne informações sobre a Educação, apresentando um breve panorama da educação na atualidade, as mudanças ocorridas com a chegada das novas tecnologias de informação, a busca por novas práticas para que se moldem ao novo contexto de sala de aula. Ainda neste capítulo, trazemos uma abordagem acerca da EJA no Brasil, dando visibilidade a um programa de alfabetização da EJA, realizado por agências governamentais e organizações sociais. Apesar da EJA ainda ocupar uma posição secundária no sistema educacional brasileiro, revisitando sua história, é possível afirmar que esse tipo de educação acumulou um número significativo de experiências que merecem ser debatidas, avaliadas e analisadas, para acabar com a ideia recorrente de que sempre se está começando do zero.

O segundo capítulo, é sobre letramento na EJA, neste será discutido os princípios teóricos metodológicos do letramento na EJA e, ainda neste capítulo, abordamos três diferentes concepções de linguagem, suas implicações para o ensino de língua portuguesa e destacamos também a concepção de linguagem adotada nessa pesquisa. Discutimos também acerca dos gêneros textuais e sua funcionalidade, trabalhamos com o conceito de gêneros e sua importância no ensino de língua Portuguesa no que diz respeito à produção de textos autorais. Destacamos ainda neste capítulo, a questão do gênero letras de canção que neste trabalho, não será visto apenas como gênero, mas como uma motivação para a escrita de um relato pessoal de maneira que os sujeitos dialoguem com o texto e com os próprios sentimentos. Também foi abordado o gênero textual/discursivo relato pessoal evidenciando a composição, o conteúdo e o estilo característico desse gênero.

No terceiro capítulo, tratamos dos procedimentos metodológicos, a proposta de intervenção em si, a aplicação das oficinas, a coleta dos relatos escritos, as análises dos dados e a atividade de reescrita.

1 EDUCAÇÃO: MUDANÇAS OCORRIDAS A PARTIR DOS ANOS 2000

A cada geração, surgem novas transformações, tanto de ideias como de tecnologia que nos induzem a mudar nossa maneira de viver, de pensar e agir.

A velocidade das mudanças ocorridas a partir dos anos 2000, como consequência das inovações tecnológicas tornou-se assunto indispensável nas obras que tematizam as sucessíveis modificações educacionais nas últimas décadas e discursam sobre a nova concepção de educação, educador e educando. Segundo Zikoski (2010)), educar na atualidade é ensinar e organizar situações de aprendizagem, criando condições que favoreçam a compreensão da complexidade do mundo. Somos convidados a trabalhar a esperança na emancipação social, revendo nossas práticas limitadas diante da complexidade de nosso mundo atual, a importância da dialogicidade do processo formativo do ser humano.

A busca por novas e melhores práticas de sala de aula é apontada como condição indispensável com vistas ao aprimoramento do processo de ensino aprendizagem. No nosso dia a dia estamos sempre buscando novos caminhos para abordar os conteúdos de diversas áreas do conhecimento, enfim, estamos em busca de um ensino mais integrado e menos fragmentado.

De acordo com Brasil(2017, p. 137):

[...] nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa.

Diante do exposto, é necessário promover informações significativas através de materiais que buscam conectar-se com os saberes dos alunos, ampliar seus conhecimentos e propiciar oportunidades para desenvolverem uma postura crítica utilizando-se de uma diversidade de linguagens auxiliando a transferirem o que aprenderam para novos contextos.

Em outras palavras, no contexto atual, é imprescindível, levantar possibilidades e alternativas viáveis articulando e colocando em ação conhecimentos e habilidades, valores, democratização do saber e almejar uma educação capaz de contribuir para a formação desses jovens e adultos dotados de consciência social. Sob essa ótica, ganha particular relevância que essa educação

busque inspiração na concepção de linguagem como interação, que consiste em focar a tríade autor-texto-leitor, como meio para descrever e interpretar o mundo, agir sobre o mundo.

Na busca de compreender a lógica de funcionamento da modalidade EJA, o próximo tópico apresenta um panorama acerca da Educação de Jovens e Adultos no Brasil desde os seus primórdios.

1.1 Educação de Jovens e Adultos: Breve Histórico

Considerada como parte integrante da história da educação no Brasil, a EJA inicia-se na década de 30, período de grandes transformações políticas e sociais. Nesse período, a sociedade brasileira passava por grandes transformações, associada ao processo de industrialização e a grande concentração de pessoas nos grandes centros urbanos.

Em 1947, foi lançada a CAAA (Campanha de Alfabetização de Adolescentes Adultos) que pretendia na primeira etapa, alfabetizar a população em apenas três meses e a concretização do primário em dois períodos de sete meses. Depois, surgiu a Capacitação Profissional e ao Desenvolvimento Comunitário. Tais ações tiveram resultados significativos estendendo-se por diversas regiões do país. Ao longo do tempo, foram criadas várias escolas supletivas mobilizando várias esferas da sociedade públicas e voluntárias.

A questão é que, nesse cenário, surge a necessidade de uma ação voltada para o campo teórico metodológico orientado para a discussão do analfabetismo e da educação de Jovens e Adultos, visto que, nessa ocasião, o analfabetismo era considerado como uma “incapacidade” do adulto.

No final da década de 50, com o trabalho do educador pernambucano Paulo Freire, os estudos sobre a Educação de jovens e adultos convergem para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo paradigma. Seu método de alfabetização presumia que o professor estabelecesse um diálogo com os alunos, a fim de conhecer a realidade cultural. A proposta freiriana influenciou vários segmentos da sociedade como alunos, intelectuais e católicos engajados numa ação política a fim de pressionar o governo a apoiar a proposta. Em 1964, foi instituído o Plano Nacional de Alfabetização. Entretanto, esse plano foi interrompido pelo golpe militar surgindo em seu lugar o Movimento

Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cujo propósito era puramente formar mão de obra para o modelo econômico da época. O método Mobral, ao contrário da proposta freiriana, não parte do diálogo, é autoritário, considerado como instituição criada para dar suporte ao sistema de governo vigente. A recessão econômica a partir dos anos 80 veio pôr fim a esse método.

Com a constituição de 1988 que garantiu o ensino gratuito a todos os brasileiros, inclusive aos jovens e adultos, o atendimento da rede pública foi ampliado. No governo de Fernando Henrique Cardoso, nos anos 90, a EJA foi destinada ao Programa Alfabetização Solidária (PAS). A partir da Lei de diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, ampliaram-se as políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos.

A partir dessa afirmação é notória a primordialidade de pautar novas propostas pedagógicas na EJA. Nos últimos anos a EJA assumiu diferentes configurações. Nos anos que correspondem aos governos Lula e Dilma (2003-2016), por exemplo, percebe-se, de forma geral, que a política educacional possibilitou maior visibilidade à modalidade de EJA, ampliando o atendimento aos jovens e adultos mediante à implementação de inúmeros programas assumindo um contexto educacional compensatório, supletivo e emergencial, ocasionada pela “necessidade” de inclusão no mercado de trabalho, tais como Projovem, Proeja e o Pronatec.

Entretanto, embora estas ações configurem-se relevantes, é possível constatar que a lógica construída durante os governos anteriores não foram superadas, pois a oferta de EJA, de forma geral, manteve-se fragmentada e ainda primando por uma formação que visa apenas o processo de certificação dos trabalhadores em detrimento ao acesso ao conhecimento o que mantém a EJA muito distante das políticas públicas de estado comprometida com a emancipação humana, política e social do indivíduo.

Assim sendo, partindo das considerações acima e dando continuidade a questões sócio históricas da EJA, no próximo subtópico, tratamos das políticas de investimentos da EJA no Brasil, ressaltando seu lado positivo e negativo.

1.2 Políticas de Investimento da EJA no Brasil

A amplitude e o impacto das políticas públicas de alfabetização e educação de jovens e adultos estão fortemente condicionados ao financiamento fornecido para

esse tipo de educação. Di Pierro et al., (2001). Para Di Pierro (2005), a oferta limitada e a má qualidade da educação de jovens e adultos no Brasil podem ser explicadas, em grande medida, pelo fato de que, ao longo da história da educação brasileira, essa área de escolaridade nunca recebeu níveis significativos de financiamento, embora, em certos períodos, essas políticas tenham se beneficiado de financiamentos associados ou de suas próprias fontes de financiamento. Entre 1994 e 1996, por exemplo, as despesas dos três níveis de governo em educação para jovens e adultos variaram entre 0,3% e 0,5% da despesa geral de educação, sendo os estados responsáveis pela maior parte do financiamento. Uma década depois, segundo Rummert e Ventura(2007, p. 220): “Em 2006, apenas 1,3% dos fundos estaduais de educação foram utilizados para a juventude e educação de adultos, isso reflete a posição marginal que esse tipo de educação ocupa na agenda do governo.”

Na história recente, de acordo com Strelhow(2010), com a prioridade da política educacional ao acesso universal à escolaridade durante a infância e a adolescência, a falta de fundos representou claramente a capacidade limitada dos governos de cumprir seus compromissos para assegurar o direito dos jovens e adultos à educação.

De acordo com Machado(2009), em 1996, o veto presidencial da Lei nº 9424, que regulava o Fundo de Desenvolvimento da Educação Fundamental e de Professores, significava que as matrículas na educação juvenil e adulta em classe não poderiam ser incluídas na contabilidade do Fundef, o que dificultou a expansão desse tipo de educação.

Essas restrições de financiamento da educação para jovens e adultos criaram um contexto em que o financiamento federal suplementar aos estados e municípios, por meio de programas especiais realizados pelos ministérios (mencionado no tópico anterior), torna-se especialmente relevante, embora os montantes envolvidos sejam pequenos. A este respeito Ribeiro (1999,n.p), diz que: “[...] as três esferas do governo são estimuladas a adotar estratégias de parceria que atraíam a colaboração de organizações da sociedade civil em programas de alfabetização e educação para jovens e adultos.”

Para Paiva(2009), a participação de movimentos e organizações sociais na alfabetização de jovens e adultos na educação básica pode ser de outra natureza,

envolvendo conscientização, mobilização e organização da sociedade, ou na concepção, supervisão e avaliação de programas e políticas governamentais.

E é dessa forma que se pretende, após muitas lutas, chegar a uma educação de qualidade e significativa desse público alvo e o primeiro passo é conhecer os indivíduos que participariam do curso, seu lugar social, suas vivências, suas expectativas.

Assim, considerando os sujeitos desse processo, nesse próximo capítulo, abordamos inicialmente, o letramento na EJA e contextualizamos a concepção de linguagem adotada nesta pesquisa.

2 LETRAMENTO NA EJA

Ao longo de nossa história, fomos habituados na escola tradicional a acreditar que se os aprendentes, sejam crianças, jovens ou adultos tivessem memorizadas todas as correspondências grafonômicas, seriam capazes de ler e escrever quaisquer textos e seriam considerados alfabetizados. No entanto, essa prática não garantia a formação efetiva de leitores e escritores proficientes.

O século XX produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico. Diante desse panorama atual, é imprescindível que ampliemos as experiências de letramento de nossos alunos, sejam jovens ou crianças. Precisamos trabalhar práticas sociais de leitura e escrita com as quais convivemos no nosso dia a dia como preceituam os documentos oficiais:

Ao componente **Língua Portuguesa** cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais [...] (BRASIL, 2017, p. 66).

Nessa perspectiva, consideramos que os alunos que ingressam em turmas da EJA, possuem experiências de letramentos e conhecimentos sobre diferentes gêneros com os quais convivem cotidianamente, mas isso não garante que desenvolveram autonomia de ler e escrever textos diversos.

Ensinar a ler e escrever no contexto de usos de leitura e escrita de Gêneros textuais/discursivos facilita a visão global dos conteúdos contribuindo para a promoção de atitudes interdisciplinares, ou seja, articular os conhecimentos de forma integrada e não fragmentada dos conteúdos.

De acordo com Brasil(2017, p. 65), “a proposta é que o texto deve ser buscado em seu contexto de uso de maneira a desenvolver habilidades para uma aprendizagem significativa¹.”

É nessa perspectiva que essa proposta de intervenção de ensino de Língua Portuguesa na EJA toma sua forma, busca um ensino de língua com base nos

¹ Segundo Durante (1998, p. 42) a aprendizagem significativa é: “quando o indivíduo consegue reutilizar seus conhecimentos em situações diferentes daquelas em que foram assimilados” .

gêneros textuais/discursivos, cujos elementos constituintes se organizam de modo a favorecer a interação e a comunicação entre quem produz, o texto e, quem o recebe, subjaz assim, uma concepção interacional da linguagem, dado que o sentido do texto se constrói pela tríade sujeito-texto-leitor.

Vejamos a seguir as três concepções de linguagem para que possamos entender a razão pela qual a concepção interacional melhor aplica-se aos propósitos desse trabalho.

2.1 As Concepções de Linguagem

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, por isso é fundamental reconhecer os saberes que trazemos. Estudos apontam que há três concepções de linguagem: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de interação.

A concepção de linguagem como expressão do pensamento, consiste na ideia de sujeito senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o sentido do texto está centrado nas ideias e intenções do autor, cabendo ao leitor captar tais intenções. Nessa concepção, a escrita é vista como “dom” para escrever, bastando apenas a apresentação do título ou imagem para que o texto fosse produzido.

A segunda concepção refere-se à linguagem como Instrumento de comunicação. Esta concepção consiste na ideia de língua como código bastando ao leitor conhecer tal código. Na leitura, o foco está no texto, em sua linearidade. Nessa concepção, os alunos tornam-se mais participativos, realizam atividades apenas de reprodução.

A linguagem como forma de interação resulta na tríade autor-texto-leitor. Nessa concepção, os sujeitos passam a exercer reflexões sobre a língua, são sujeitos ativos que constroem e são construídos no texto. A leitura é uma atividade interativa e complexa de produção de sentidos na qual o indivíduo desenvolve independência intelectual.

Na escrita, deve-se levar em conta os gêneros do discurso, deve-se definir as condições de produção. Segundo Bakhtin, todos os textos que circulam em sociedade apresentam um conjunto de características relativamente estáveis e tais características se configuram em diferentes gêneros textuais/discursivos que podem

ser caracterizados por três aspectos básicos coexistentes: conteúdo temático, o modo composicional (a estrutura) e o estilo (usos específicos da língua). O que trataremos desse assunto mais adiante, visto que a própria definição exige um estudo mais aprofundado. De acordo com Bakhtin (1997, p. 262), “os gêneros textuais discursivos estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação”.

Cada enunciado, visto sob a ótica de acontecimentos, é único e caracteriza-se por três momentos constitutivo vinculados que, por um processo de abstração, podem ser decompostos em: tema (referidos a objetos [objeto do discurso]) e sentido (outros enunciados), estilo verbal (seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua) e construção composicional (procedimentos composicionais para organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva e da relação dos participantes da comunicação discursiva) [...]. Por isso, Bakhtin define também os gêneros como tipos temáticos, estilísticos e composicionais dos enunciados singulares. [...]. Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação (MEURER, BONINI e MOTTA-ROTH, 2005, p. 167)

Do ponto de vista do conteúdo temático, no relato, há expressões dos sentimentos do sujeito, sujeito esse que fala de si e dá vazão a emoção, ressignificando os momentos vivenciados num passado em relação ao presente.

Em se tratando do estilo e da composição, podemos encontrar expressões e escolhas que caracterizam a constituição do dizer como verbos no pretérito e no presente, conjunções temporais, pronomes possessivos etc.

Para encerrar essa breve reflexão, vimos que na rápida análise sobre as concepções de linguagens caminhamos para uma nova era do ensino de língua portuguesa, da leitura e da escrita com foco na diversidade de gêneros textuais/discursivos. A concepção aqui aplicada para a produção textual dos alunos nesse projeto de intervenção, é a sócio interacionista que vê a linguagem como interação. Consideramos que a eficiência na produção de qualquer texto depende principalmente do domínio de algumas competências linguísticas e do conhecimento das características específicas do gênero textual/discursivo que será produzido.

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos [...] devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas. (BRASIL, 2017, p. 65)

Para realizar a produção de um texto, é necessário que se conheça os gêneros textuais/discursivos. O conhecimento dos gêneros textuais/discursivos permite saber qual a finalidade, para que, para quem e em que lugar se fala. Apresentamos a seguir os aspectos conceituais e funcionais dos gêneros textuais/discursivos a fim de compreender os gêneros textuais/discursivos e o contexto de produção nos quais os textos são produzidos.

2.2 Gêneros textuais/discursivos: aspectos conceituais e funcionais

Os gêneros textuais/discursivos estão presentes em todas as nossas práticas sociais, já que não podemos nos comunicar verbalmente a não ser através deles. Segundo Marcuschi(2008, p. 147):

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano [...] Atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990: 33), ao dizer que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Com o avanço dos estudos linguísticos, especificamente, nas últimas décadas, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e com a entrada do texto e do discurso também como objetos de estudo da Linguística textual abordados nas mais diversas formas, não só literária, priorizam-se a interação real e um trabalho significativo e propostas didáticas baseadas nos gêneros.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 154-155):

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas [...] como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastantes estáveis, histórica e socialmente situadas.

Nesse sentido, a inserção dos gêneros no processo de ensino aprendizagem é de extrema necessidade para que o aluno produza e compreenda a linguagem.

Muitos autores a exemplo de Marcuschi (2008), Bakhtin (1997) e Koch(2006) discutem os elementos básicos, característicos dos gêneros (conteúdo, estilo,

composição). O resultado dessas discussões pode oferecer aos professores um norte para a realização de um trabalho fundamentado teoricamente, com o intuito de facilitar a escolha do gênero a ser trabalhado na sala de aula, bem como auxiliá-los no processo.

Segundo Swales (1990 p. 47), o primeiro elemento característico dos gêneros é a ideia de classe. O gênero é uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável. O evento comunicativo é constituído do discurso, dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde o discurso é produzido e recebido elementos básicos caracterizados por Bakhtin (1997) por estilo.

A segunda característica do gênero e a mais importante de todas, é que em uma classe de eventos comunicativos, os eventos compartilham um propósito comunicativo. Isso se dá em função da ideia fundamental de que os gêneros têm a função de realizar um objetivo ou objetivos. Swales admite que o propósito pode não estar manifesto e pode ser de difícil identificação, porém salienta que o propósito comunicativo é o critério de maior importância porque o propósito motiva uma ação e é vinculado ao poder que para Bakhtin (1997) trata-se do conteúdo.

Prototipicidade é a terceira característica do gênero. Um texto será classificado como do gênero se possuir os traços específicos da definição do gênero. Por outro lado, pode-se usar o critério de semelhança para a classificação do gênero, ou seja, a inclusão do gênero pode ser determinada pela semelhança com outros textos da grande família do gênero

A quarta característica do gênero diz respeito à razão ou à lógica subjacente ao gênero. O termo “razão subjacente” significa a lógica do gênero, e nessa lógica os membros da comunidade reconhecem o gênero. O gênero tem uma lógica própria porque assim serve a um propósito que a comunidade reconhece. Em função daquele propósito, existem algumas convenções esperadas e manifestadas no gênero. Podemos tomar essas características como a composição do gênero

A quinta característica do gênero é a terminologia elaborada pela comunidade discursiva para o seu propósito de uso, ou seja, cada comunidade discursiva deve reconhecer a estrutura básica do gênero e isso deve ser discutido na escola. No próximo tópico, traremos a discussão acerca dos gêneros textuais e ensino para que tenhamos clareza do que significa planejar o ensino com base na noção de gêneros.

2.3 Gêneros textuais/discursivos e ensino

Com a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1998, é que uma abordagem baseada em gêneros começou a ser implementada, de forma considerável, em alguns estabelecimentos de ensino, embora as discussões sobre gêneros textuais já ecoassem no campo da Linguística, sobretudo da Linguística textual. Apesar de não trazerem uma discussão mais profunda acerca dos gêneros textuais, os PCN (1998) reconhecem a necessidade de se ter conhecimento sobre a função social e a organização de textos orais e escritos, tal como são usados nas rotinas interacionais das pessoas, marcadas pelo mundo social que as cerca.

Antunes(2002) ressalta alguns benefícios de se ensinar tomando como ponto orientador os gêneros textuais. Ao ensinarmos adotando uma abordagem com base nos estudos do gênero, favorecemos:

- a) a apreensão dos “fatos linguísticos comunicativos” e não o estudo de “fatos gramaticais”, difusos, virtuais, descontextualizados, objetivados por determinações de um “programa” previamente fixado e ordenado desde as propriedades imanentes do sistema linguístico;
- b) a apreensão de estratégias e procedimentos para promover-se a adequação e eficácia dos textos, ou o ensino da língua com o objetivo explícito e determinado de ampliar-se a competência dos sujeitos para produzirem e compreenderem textos (orais e escritos) adequados e relevantes;
- c) a consideração de como esses procedimentos e essas estratégias refletem-se na superfície do texto, pelo que não se pode, inconsequentemente, empregar quaisquer palavras ou se adotar qualquer sequência textual;
- d) a correlação entre as operações de textualização e os aspectos pragmáticos da situação em que se realiza a atividade verbal;
- e) a ampliação de perspectivas na compreensão do fenômeno linguístico, superando-se, assim, os parâmetros demasiados estreitos e simplistas do “certo” e do “errado”, como indicativos da boa realização linguística (ANTUNES, 2002, p. 71)

Scheneuwly e Dolz (2004, p. 74), autores que também associam gênero ao ensino de línguas, observam que “é através dos gêneros que as práticas de linguagem se materializam nas atividades dos aprendizes”. É assim, também, que admitimos que os trabalhos realizados nas escolas sejam baseados na questão de gênero de maneira que os alunos compreendam sua função social em situações reais de produção e concepção dos textos a serem produzidos. De certo modo, tornar as produções textuais, orais e escritas, dos alunos, situações autênticas, é um desafio. Uma carta ao editor que não será enviada, um artigo para um site que não será publicado etc. são situações comuns nas salas de aula. É preciso repensar a

nossa prática. O que acabamos de apresentar acima são propostas pedagógicas e pesquisas que mostram a importância do uso dos gêneros textuais/discursivos no processo de ensino e aprendizagem, constatando que, ao tomar como base o trabalho com os gêneros na sala de aula, os nossos alunos poderão associar o ensino e a aprendizagem às suas práticas sociais. É, portanto, com esse olhar que direcionamos a nossa análise sobre as propostas de produção de texto.

De acordo com Machado e Cristovão (2010), os gêneros compartilham os mesmos parâmetros contextuais (participantes, áreas de uso, circunstâncias temporais e espaciais da enunciação, propósito comunicativo) e as mesmas características linguísticas (lexical-semânticas, coerência temática, elementos que garantem sua coesão, registro, modo de organização, comprimento) e como tal podem ser descritos como combinações de características contextuais e estruturais.

Como fatos socioculturais e discursivos com um propósito claro, por exemplo, o informar, persuadir, entreter etc, os gêneros estão ligados às diferentes práticas sociais discursivas que são geradas em certas esferas da atividade social ligadas à cultura, história e sociedade em que ocorrem.

São essas práticas sociais discursivas que dão origem à produção de vários textos estruturados de acordo com as convenções impostas pelo contexto em que aparecem e que determinam a organização do texto (COSCARRELLI, p. 62).

Em outras palavras, por um lado, os gêneros são adaptados ao contexto social em que aparecem e, por outro lado, os recursos linguísticos e estruturais são adaptados aos gêneros para servirem ao propósito que desejam transmitir. Bakhtin elenca três elementos extremamente importantes para a caracterização dos gêneros: composição, conteúdo e estilo que estão relacionados diretamente com cada esfera de comunicação.

Embora pertençam a uma tradição, dependendo do tempo e da cultura, os gêneros textuais/discursivos estão sujeitos a variações, portanto, a estabilidade, que é uma das suas características, é relativa. Isso significa que eles podem mudar e se desenvolver para responder às mudanças sociais e históricas que dão origem a novos modelos discursivos com seus próprios traços específicos. Isto é o que explica o aparecimento dos novos gêneros eletrônicos: bate-papo, fórum de discussão, e-mail. É também o que explica o fato de que nem todas as pessoas se

movem da mesma maneira e com a mesma facilidade em todas as esferas da atividade humana. Na verdade, muitos falantes nativos não sabem o que é um blog ou uma rede social por exemplo.

Propomos nesse trabalho, que os alunos estabeleçam conexões com sua letra de canção preferida e a construção de um relato pessoal. Para uma melhor compreensão, trataremos a seguir dos fatores de textualidade e suas implicações para a produção textual no contexto de sala de aula.

2.4 Fatores de textualidade: Ênfase na intertextualidade

Cada vez mais, em um contexto de sala de aula, é necessário garantir um diálogo constante com a cultura do aluno e seus conhecimentos de mundo. É preciso, ir mais além de um trabalho compartimentado, é necessário deixar de lado a perspectiva conteudista, caso contrário, em tese, ratifica-se a ideia de que a educação está obsoleta. É importante considerar que é preciso ressignificar não só as aulas, mas a própria dinâmica escolar, trabalhando conteúdos de forma contextualizada e interdisciplinar baseados no texto e na relação de sentidos que se constrói na junção e compreensão entre leitor-texto e autor. É interessante destacar que para que ocorra a intertextualidade o leitor precisa conhecer o texto, o contexto de produção.

Nesse sentido, Koch e Elias(2006) chamam a atenção para o processamento textual, as autoras apresentam três grandes sistemas de conhecimentos: o primeiro é o conhecimento linguístico que corresponde ao gramatical e lexical. Segundo a autora, esses conhecimentos possibilitam conhecer a organização linguística na superfície textual. O segundo corresponde ao conhecimento enciclopédico ou de mundo – refere-se aos conhecimentos pessoais adquiridos ao longo da vida e por último, conhecimento interacional que está relacionado às formas de linguagem envolvendo os conhecimentos locucionais, comunicacionais, metacomunicativas e superestruturais.

Assim, partindo da premissa de que todo texto é um conjunto de significados resultantes da interação social e do diálogo entre outros textos, optamos por incentivar e realizar atividades que estabelecem relações com outros textos. Pode-se dizer que a intertextualidade é um fator de textualidade que identifica a presença de outros textos em uma produção escrita podendo ser com a explicitação (intertextualidade explícita) da fonte ou sem explicitação da fonte (intertextualidade

implícita). As autoras também salientam que para esse diálogo entre os textos é necessário que o leitor já tenha uma referência acerca do outro texto para que de fato ocorra a intertextualidade (KOCH e ELIAS, 2006).

Isso pode ser confirmado nas palavras de Antunes(2009) ao definir a intertextualidade:

Em um sentido mais restrito, se entende a intertextualidade como a operação que se efetiva pela *inserção explícita de determinado texto em outro texto*. Na verdade, essa inserção costuma ser de um fragmento (maior ou menor) de um texto em outro [...]. Essa inserção, ainda, pode remeter, *ipsis litteris*, ao texto de origem, ou pode assumir a forma de uma paráfrase (o mesmo dito com outras palavras) ou de uma alusão, apenas, sem referências indicativas de sua procedência.(ANTUNES, 2009, p. 164).

Neste contexto, para Azevedo (2007, p. 133), fica claro que “a nossa memória textual atua no tecido de nossos discursos, ligando os contextos históricos e impregnando de sentido os textos que produzimos.”

Assim, é que a partir da intertextualidade, da apreciação e reflexão das letras de canção/músicas preferidas que os alunos irão fazer uso da linguagem oral, irão ler e compreender o texto em suas múltiplas possibilidades. A utilização da música na prática pedagógica permitirá fazer uma análise e reflexão dos conteúdos vistos em sala no que se refere à memória, os resgates dos tempos vividos pelo indivíduo, pois a música também é uma das artes que mais influência na subjetividade, nos desejos e nos comportamentos humanos por ter a capacidade de mexer com as nossas emoções.

2.5 O gênero textual música/letra de canção

As formas de comunicação exigem um leitor capaz de ser interlocutor de diversos gêneros e formas de linguagens verbais, não verbais, artísticas etc, de forma que tenha condições de elaborar sentidos para os mais variados textos e posicionar-se criticamente diante deles. Na escola, ao compreender o que é e o que constitui um gênero textual o aluno adquire elementos para melhor compreender o que deve ser buscado no texto. O relato de profissionais da área de ensino que se propuseram a ensinar produção textual a partir do enfoque de gêneros textuais/discursivos tem demonstrado que essa abordagem não só amplia, enriquece a capacidade de recepção preparando-os para eventuais práticas linguísticas e é nessa infinidade que a letra de canção está presente e a mesma

pode ser utilizada para despertar no aluno impulsos necessários para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Estes aspectos abrem espaço para refletirmos e analisarmos a importância e a responsabilidade do professor ao trabalhar com gênero letra de canção, de modo a garantir que seus encaminhamentos metodológicos não sejam fragmentados e apaguem a beleza e as características próprias do gênero.

A canção é um gênero híbrido, de caráter *Intersemiótico*, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia). Defendemos que tais dimensões têm de ser pensadas juntas, sob pena de confundirmos a canção com outro gênero. [...] Assim, a canção exige uma tripla competência, a verbal, a musical e a literomusical, sendo esta última a capacidade de articular as duas linguagens.(DIONISIO, MACHADO e BEZERRA, 2007, p. 107).

Diante disso, há possibilidade de ampliar o alcance social das letras de canções, não só como gênero mas, também, como uma forma de apreciação e reflexão “literomusical”.de maneira que a utilização da Letra de canção na prática pedagógica permita fazer uma análise e reflexão sobre os sentidos do texto, visto que, é preciso compreender a sala de aula também como espaço discursivo, onde se travam conflitos entre vozes marcadas sócio historicamente em que circulam diversos sentidos. Assim como na sociedade em geral, também na escola, os alunos têm oportunidade de exercer sua identidade de leitor, mostrando, ali, suas experiências de vida.

É comum as pessoas terem preferências por essa ou aquela canção, esse ou aquele filme e isso se dá pelo fato de alguma dessas músicas, alguns desses filmes marcarem algum fato ou acontecimento das nossas vidas. Existem programas de rádio e de TV que trabalham essa temática e muitas pessoas participam e interagem contando suas histórias de vida impulsionadas pela letra de canção preferida. Dessa forma, a linguagem musical em sintonia com os conhecimentos prévios e momentos marcantes pode transformar o ato de aprender em prazer, alegria e motivação tanto para o professor quanto para o aluno. Isso se confirma nas palavras de Rizzon (BEYER, 1999, p. 53):

A possibilidade de significar a apreciação musical primeiramente através da emoção é uma porta de entrada para que muitas outras abordagens venham a acontecer posteriormente. [...] buscando uma crescente valorização da música como um campo de conhecimento a ser explorado e uma possibilidade do desenvolvimento do senso crítico.

Nessa citação, está colocada uma das principais características também do relato pessoal, ressaltar os sentimentos e as emoções acionadas à memória desses indivíduos. Percebe-se assim, que há uma articulação entre esses diferentes gêneros textuais/discursivos o relato e a música que é de fundamental importância para o bom resultado desse trabalho.

Nessa perspectiva, e com base nessas considerações, é que os alunos serão convidados a produzir um relato pessoal. No próximo tópico, trataremos das características do relato pessoal.

2.6 Gênero textual/discursivo relato pessoal

A palavra escrita está em tudo que nos cerca seja através de placas de trânsito, de um anúncio, de jornais, de revistas etc, por conseguinte, a necessidade de proficiência na leitura e na escrita. Isso significa que devemos ser capazes de interpretar tudo o que vemos e sentimos a partir dos nossos conhecimentos e experiências pessoais.

Falando em “experiências pessoais”, muitas vezes, sentimos uma certa necessidade de contar oralmente ou registrar por escrito algumas experiências marcantes da nossa vida e podemos fazer isto através de um diário, de um relato pessoal, relatos de viagens, de memórias literárias entre outros gêneros.

Existem vários gêneros textuais/discursivos que têm o objetivo de relatar fatos que marcaram nossas vidas, dentre eles, como vimos acima, está o relato pessoal que de acordo com Ribeiro e Arrais(2012, p. 60-70)“O **relato** tem como objetivo documentar experiências pessoais. [...] o relato pessoal apresenta situações vividas, com destaque para a temporalidade.”

Considerando esses aspectos, entendemos que o relato pessoal é um gênero textual bem próximo do aluno pois, ao escrever o relato, o aluno se identifica com o que escreve pois, traz à tona um pouco de sua subjetividade, dependendo da maneira pela qual o aluno é convidado a discorrer sobre si mesmo em uma viagem, algo muito engraçado, o primeiro dia de aula, um incidente, um aniversário, uma travessura, um castigo sofrido etc.

É importante lembrar que os alunos devem estar cientes das etapas do processo de ensino aprendizagem, por isso é fundamental sempre explicitar o passo a passo das atividades a serem realizadas e que a proposta de leitura e produção de textos deve ser antecedida por uma preparação adequada.

Conceber o ensino/aprendizagem como prática social obriga-nos a incluir em nosso contexto escolar uma metodologia que interligue o sujeito aprendiz as suas experiências e que esses sujeitos sejam conhecedores dos papéis sociais que ocupam e das etapas do processo. Dessa forma, de modo a melhor sistematizar as etapas da pesquisa, no tópico destinado à metodologia procuramos nos orientar pelos seguintes passos: fizemos um levantamento histórico e atual da escola, apresentamos os sujeitos da pesquisa, os dados, por fim, as etapas e procedimentos para que possamos entender um pouco de algumas eventuais dificuldades encontradas ao longo do processo de aplicação dessa intervenção pedagógica.

3 METODOLOGIA

A EJA é um processo de ensino e também aprendizagem que surgiu na década de 60 como modalidade de ensino, para atender as pessoas que não tiveram acesso ou continuidade de estudo na idade própria. Essas pessoas quando jovens tiveram que deixar os estudos por razões de falta de condições socioeconômicas, pois tiveram que ingressar logo cedo no mundo do trabalho para auxiliar os pais na renda familiar. Em consequência deste direito negado, tornam-se alunos auto-excluídos, não se sentem sujeitos da história, da sociedade, não acreditam na capacidade de fazer algo. Esse fator os leva a aceitar como um dado natural a desigualdade social.

Di Pierro(2013) diz que a educação de adultos refere-se ao conjunto de processos de aprendizagem, formais ou não, em que os indivíduos, considerados adultos na sociedade a que pertencem, desenvolvem suas habilidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas habilidades técnicas ou profissionais ou os reorientam de acordo com suas próprias necessidades e as da sociedade. Abrange educação formal e contínua, educação não formal e toda a gama de uma sociedade educacional multicultural.

O acesso a EJA por jovens e adultos, de acordo com Julião(2008), se dá pela necessidade que estes têm de obter uma formação educacional completa, aumentando, portanto, a possibilidade de optar-se por um futuro diferente daquele que lhe era direcionado. Sabe-se, mediante a uma revisão da literatura, que os alunos que ingressam na EJA possuem algumas características em comum.

De um modo geral, os alunos EJA são das classes mais baixas, ou seja, são considerados pobres e que tiveram que largar os estudos em um dado momento da vida para se dedicar a tarefas que gerassem alguma renda, como por exemplo, trabalhos informais.

Para Sposito e Carrano(2003), este fenômeno é muito observado na região nordeste, onde os alunos deixam os estudos para trabalhar em plantações ou se deslocam para regiões onde haja empregos principalmente na área da construção civil. Não necessariamente estes alunos quiseram sair da escola, mas as condições de vida os levaram a optar pela sobrevivência em um país onde a distribuição de renda é absurdamente desigual. O aluno da EJA é aquele aluno que trabalha e que por algum motivo tende a voltar aos estudos(BORGES e LIMA, 2007). A busca pela

continuação dos estudos se dá também pela cobrança cada vez maior do mercado de trabalho, mesmo em cargo para o qual antes não era necessário nenhum tipo de qualificação.

As empresas estão exigindo cada vez mais qualificação de seus profissionais. Sendo assim, os alunos que saíram da escola para trabalhar, precisam retornar a ela para manterem-se trabalhando (FÁVERO e FREITAS, 2011), Observa-se também que estes alunos possuem enorme dificuldade de aprendizado. Esta dificuldade é notada por conta de um ensino básico defasado e pelo longo período longe do ambiente escolar, o que faz com que o ingresso em um método de educação de jovens e adultos seja turbulento e por vezes complicado.

A EJA em seu processo de alfabetização busca associar aspectos educacionais mais gerais, às atividades sociais e à cidadania e participação profissional. Tais iniciativas compreendem ações heterogêneas que refletem uma visão pluralista da alfabetização.

Apesar dos valiosos princípios e criatividade em que essas propostas educacionais foram geradas, “as repercussões dessas experiências ainda são incipientes em programas de alfabetização supervisionados pelo estado e redes escolares municipais “ (CIAVATA e RUMMERT, 2010, p. 2).

De acordo com as operacionais (2019, p. 110), as escolas organizaram as turmas da seguinte forma: Ciclo da alfabetização para os anos iniciais, Ciclo I e ciclo II para o fundamental para séries iniciais e Ciclos III e IV para o ensino fundamental final para as séries finais.

O Ciclo da alfabetização intitulado *Ler, Entender e Fazer* é ofertado por meio de programas e parcerias, com carga horária mínima de 320 (trezentas e vinte) horas e duração mínima de 8 (oito) meses nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os ciclos I e II (1º e 3º ano e 4º e 5º respectivamente), com matrícula anual e ingresso mínimo de 15 anos completos; Anos finais do Ensino Fundamental (ciclo III e ciclo IV) com matrícula anual e ingresso mínimo de 16 anos completos. O CICLO III - turmas do 6º e 7º ano do EF e CICLO IV - turmas do 8º e 9º ano do ensino fundamental.

As escolas autorizadas para ofertar o ensino da EJA semipresencial foram organizadas da seguinte forma: 2º Segmento do Ensino Fundamental (anos finais) - Ingresso com o mínimo, de 16 anos completos e Ensino Médio - Ingresso com o mínimo, de 18 anos completos.

De acordo com as Diretrizes Operacionais (2019, ps. 113-121), são oferecidas 9 modalidades de ensino na EJA, tais modalidades são as seguintes: Educação em prisões, Projovem Urbano, Projovem Urbano em prisões, Projovem Campo, Exame de Certificação Nacional (ENCCEJA), Exame de Certificação Estadual, (GEEJA), Programa de Enfrentamento ao Analfabetismo (Paraíba Cidadã Leitor) e Ser EJA Cidadã.

A primeira modalidade, *Educação em Prisões*, se refere a ações de educação em contexto de privação de liberdade. Essa modalidade deve atender às especificidades dos diferentes níveis de ensino e modalidades de educação, sendo extensivas aos presos provisórios, condenados, egressos do sistema prisional e àqueles que cumprem medidas de segurança. É atribuição da SEE/PB a oferta da EJA nos estabelecimentos penais, em articulação com a Secretaria de Administração Penitenciária do Estado, obedecendo às orientações do Art. 38 do inciso I ao VI que vai desde o recurso do financiamento à organização do tempo, espaço e rotatividade da população carcerária conforme art. 23 da Lei nº 9.394/96 (LDB).

A segunda modalidade, trata-se do *Projovem Urbano* que tem como objetivo promover a reintegração, ao processo educacional, dos jovens de 18 a 29 anos, que não tenham concluído o Ensino Fundamental, garantindo-lhes a escolarização em nível do Ensino Fundamental. A formação no Projovem Urbano é integrada, compreendendo atividades de Educação Básica (Matemática, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Ciências Humanas e Ciências da Natureza), Qualificação Profissional (Arco Ocupacional) e Participação Cidadã, para um curso de 18 meses, com carga horária total de 2.000 horas, sendo 1.440 presenciais e 560 não presenciais.

A terceira modalidade é *Projovem Urbano em prisões* - Para esta ação conta-se com a parceria da Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP), através da Gerência de Ressocialização. As diretrizes Pedagógicas do Projovem Urbano, adotadas nas unidades prisionais, são as mesmas aplicadas nas escolas, com uma adaptação na carga horária, respeitando as atividades rotineiras das Unidades Carcerárias.

A quarta modalidade, *Projovem Campo/Saberes da Terra*, tem por objetivo a elevação da escolaridade e a qualificação profissional e social de jovens agricultores familiares, segundo o art. 3º da Lei nº 11.326/2006, entre 18 e 29 anos, que saibam

ler e escrever, mas não tenham concluído o ensino fundamental. O Programa visa promover ações educacionais e de cidadania voltadas a jovens que, por diferentes fatores, foram excluídos do processo educacional, de modo a reduzir situações de risco, desigualdade, discriminação e outras vulnerabilidades sociais, fomentando a participação social, cidadã e profissional, favorecendo a permanência e a sucessão dos jovens na agricultura familiar. Essa ação fundamentada na pedagogia da alternância e aliada à pesquisa como princípio educativo se constitui como elemento estruturante do programa possibilitando a flexibilização da organização do trabalho pedagógico adequando-o à realidade dos sujeitos educandos.

A quinta modalidade, denomina-se *Exame de Certificação Nacional* (ENCCEJA) é promovida pelo Governo Federal, tendo como principal objetivo construir uma referência nacional de educação para jovens e adultos por meio da avaliação de competências, habilidades e saberes adquiridos no processo escolar ou nos processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, entre outros. Compete a Secretaria de Estado da Educação Ciência e Tecnologia a responsabilidade pela certificação do participante aprovado conforme suas resoluções próprias e do Conselho Estadual de Educação, levando em consideração a nota obtida pelo mesmo, que poderá ser um certificado de conclusão de Ensino Fundamental/Médio ou declaração parcial de proficiência.

A sexta modalidade, trata-se do *Exame de Certificação Estadual* que é uma das ações da Gerência da Educação de Jovens e Adultos (GEEJA). Esta modalidade oferece aos paraibanos com baixa escolarização a oportunidade de avaliar suas aprendizagens construídas ao longo da vida, seja na perspectiva formal ou informal, garantindo o direito de reconhecimento de seus saberes e de serem certificados em nível do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio. Os Exames de Certificação Estadual serão aplicados na modalidade presencial, nas cidades sede das 14 Gerências Regionais de Educação, nos Níveis do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em escolas apresentadas pelas Gerências Regionais de Ensino (GREs). A emancipação legal não confere suprimento de idade para a inscrição do participante para os exames. O público alvo são pessoas maiores de 15 anos, para o Ensino Fundamental e pessoas maiores de 18 anos para o Ensino Médio, incluindo as pessoas brasileiras residentes no exterior, as privadas de liberdade e às que cumprem medidas socioeducativas.

A sétima modalidade é o *Programa de Enfrentamento ao Analfabetismo – Paraíba cidadã Leitor*, trata-se de uma política estadual voltada para a alfabetização de jovens e adultos e idosos da Paraíba, a partir de 15 anos de idade que ainda não tenham o domínio da leitura e escrita, executado em parceria com o Governo Federal/MEC e diversos movimentos sociais da sociedade civil.

E por fim, a oitava modalidade denominada *Ser EJA Cidadã*. Tem como centralidade o ser enquanto Sujeito de direitos. O objetivo é ofertar educação de qualidade, com equidade de condições e aprendizagens, para o pleno desenvolvimento humano, reconhecendo o(a) educando(a) da EJA como sujeito de direito, em sua integralidade, enquanto cidadão(ã) e agente Protagonista/Transformador que, ao reconhecer e ressignificar a sua trajetória de vida, sonha e conduz o seu Projeto de Vida (PV). Visa-se potencializar a abertura do olhar pedagógico na EJA, possibilitando a construção de espaço de escuta e diálogo nas escolas, por meio de Fóruns Temáticos, Diagnósticos Participativos no cenário de construção de metodologias ativas e transformadoras direcionadas às especificidades da Educação de Jovens e Adultos. Tal proposta é alicerçada em três dimensões do contexto da trajetória de vida dos/as educandos/as: reparação, equidade e qualificação.

Contudo, na configuração do projeto educacional da EJA, no que diz respeito à leitura e à escrita ainda se apresentam alguns problemas de ordem social que caracterizam o ensino fragmentado, fora do processo de conscientização e análise da realidade. Nos tópicos seguintes, trataremos do perfil da escola e dos alunos participantes da pesquisa.

3.1 Perfil da escola.

A escola, onde a proposta de intervenção foi aplicada, foi fundada em 29 de janeiro de 1918, quando o dirigente do Estado, Francisco Camilo de Holanda assinou o Decreto nº 892 criando o Grupo Escolar Padre Ibiapina. A sua inauguração ocorreu em 24 de abril de 1918, com características de ser uma escola mista, ou seja, para mulheres e homens.

O grupo Escolar Padre Ibiapina tem uma grande importância para a cidade de Itabaiana, por ter sido o primeiro grupo em todo o interior do Estado.

Dezesseis anos depois, foi o seu nome mudado para “Grupo Escolar Camilo de Holanda”. Passados apenas sete anos, foi substituído para “Grupo Escolar

Professor Maciel” e atualmente, passou a chamar-se Escola Estadual Professor Maciel.

Hoje, a escola funciona no prédio do antigo CEI, localizado à rua Alto Professor Maciel, s/n, pelo fato de o antigo prédio da escola Professor Maciel ter sido destinado para a Escola Técnica Cidadã de Itabaiana.

A escola funciona em dois turnos: tarde e noite, no turno da tarde, temos o ensino regular fundamental, com cento e dezenove alunos. Noturno da noite, temos a modalidade EJA ensino fundamental que corresponde ao ciclo I com cento e vinte oito alunos divididos em 5 turmas; O ensino fundamental II é formado pelos ciclos III com trinta e seis alunos e o ciclo IV com trinta e sete alunos. Contamos, ainda, com uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), apresentando um quantitativo de doze alunos e uma turma do Alumar² com vinte alunos, totalizando trezentos e cinquenta e dois alunos matriculados em nosso estabelecimento. Quanto à equipe gestora, contamos com um (1) coordenador pedagógico, dezenove (19) professores cujo grau de instrução é de graduados, Especialistas, Mestrando e Mestres. Contamos com nove (9) funcionários de apoio todos terceirizados pela OS Organização Social (Ecos).

Diante do exposto, é relevante deixar claro que com a saída da escola de seu antigo prédio houve uma considerável evasão do alunado, visto que a nova escola fica distante da comunidade em que estes estudantes moram e isso dificultou o acesso à escola, não há transportes e assim os alunos desistiram principalmente no turno da noite já que são alunos desse turno que trabalham durante o dia e chegam cansados de um dia de trabalho e não se sentem motivados a irem à escola.

3.2 Perfil dos alunos participantes da pesquisa

A escola estadual localizada no Município de Itabaiana-PB oferece aos alunos a modalidade EJA – Ciclo III (6º e 7º ano) e Ciclo IV (8º e 9º ano), do ensino fundamental.

Projeto Pedagógico com metodologia própria para Correção de Distorção Idade/Ano de estudantes do Ensino Fundamental, matriculados no 6º ou 7º ano, de 13 a 17 anos, com pelo menos 2 anos de distorção. A metodologia utiliza o recurso das teleaulas e materiais didáticos pedagógicos do Telecurso

Nossa clientela é formada por alunos da periferia, alunos estes que se apresentam com baixa autoestima, ocasionado por um mundo conturbado e sem estrutura familiar, alunos que perdem suas identidades e em consequência disso, tornam-se alunos descompromissados com os estudos.

Esses fatores levam-nos à busca de um trabalho voltado especificamente para esse público utilizando-nos dos recursos disponíveis com objetivo de reverter esse quadro e fazê-lo entender que tem capacidade, que traz consigo conhecimentos, experiências, saberes que possibilitam fazer uma relação entre o senso comum e a ciência garantindo um ensino/aprendizagem com base na leitura, na reflexão e na discussão de um determinado gênero textual/discursivo.

Assim, no intuito de buscar uma estabilidade em função de um melhor desempenho em sala de aula no que diz respeito à leitura e produção textual, é necessário que todos os alunos estejam envolvidos no processo de aprendizagem e compreendam e assumam a tarefa de produzir um relato pessoal buscando um entendimento da experiência histórica vivida além, de observar e refletir e reconhecer as marcas linguísticas que compõem o gênero em estudo. Por conseguinte, é necessário que tanto os profissionais em educação quanto os alunos assumam a responsabilidade de transformar a realidade na qual estão inseridos. O objetivo é eliminar deficiências no aprendizado da leitura e da escrita dos alunos não só na escola como também em situações de uso e, tentar configurar o ambiente escolar como um local de construção do pensamento, onde diversos saberes se encontram na ação de uma educação de qualidade.

Com base no que foi colocado acima, é possível entender que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é a que contribui e que contempla o letramento por considerar que o ensino na EJA exerce função social colocando-se a serviço da formação integral do indivíduo, partindo do princípio de que o objeto de estudo do ensino é a compreensão da realidade para intervir nela e transformá-la.

No tópico seguinte, iremos discorrer acerca de como é visto o letramento na EJA para que a partir do que foi e do que é possamos refletir e intervir nessa realidade atual através de atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não só o escolar como é o caso das músicas preferidas dos alunos.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

Como foi dito anteriormente, educar jovens e adultos requer condições muito diferentes da escolarização “regular”. Os alunos nessa modalidade de ensino são, em sua maioria, alunos que passam o dia trabalhando e chegam no ambiente escolar desmotivados, cansados e que precisam de motivação e os educadores por sua vez, tem de redobrar os seus cuidados e criar novas possibilidades para promover o desenvolvimento do aluno.

Nossa pesquisa contou inicialmente, com 37 alunos da modalidade EJA ciclo IV (8º e 9º ano) do ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Maciel na cidade de Itabaiana-PB., Mas, devido a mudança de endereço, hoje, apenas 25 alunos frequentam assiduamente a sala de aula. A nossa clientela encontra-se numa faixa etária entre 17 a 40 anos de idade. Disso podemos concluir que são jovens e adultos que trazem consigo diferentes experiências de vida, logo pode surgir a seguinte indagação: Como educar jovens e adultos no XXI? É um dos maiores desafios que a humanidade enfrenta hoje e todos os professores são responsáveis, entre outros motivos, porque estamos envolvidos no trabalho educacional de nosso país direta ou indiretamente.

Sabemos que nessa modalidade de ensino, como já citado acima, um dos grandes problemas é o abandono dos estudos em alto percentual pelos participantes do programa. Por isso, a importância desses sujeitos do processo de ensino/aprendizagem estarem cientes das etapas de aprendizagem na sala de aula. É importante que os alunos passem por processo de esclarecimentos sobre os pressupostos pedagógicos do professor, sobre os conhecimentos envolvidos acerca da estrutura e funcionamento da instituição, dos materiais e suportes a serem utilizados durante o processo de aplicação do projeto de intervenção. Assim, nos próximos tópicos e capítulos que se seguem, detalharemos o passo a passo do processo de intervenção, desde os dados da pesquisa até os resultados obtidos.

3.4 Dados da pesquisa

Os dados da pesquisa foram coletados dos registros escritos realizados durante o desenvolvimento das atividades de intervenção.

Para realização das atividades de escrita de texto (relato pessoal), com vista a organizar as etapas do processo, foram reservadas etapas sugeridas na sequência didática, nos moldes sugeridos por Dolz e Schneuwly (2004): apresentação da situação, produção inicial, módulos de ensino e produção final. A sequência didática desempenhou um importante papel para alcançarmos os objetivos propostos nessa pesquisa. De acordo com os autores, sequência didática “É um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.Dolz e Schneuwly (2010, p.82). Esse conjunto de atividades, evidentemente, pressupõe o conhecimento mais detalhado de suas etapas.

Em linhas gerais, a organização metodológica aqui trabalhada proposta foi a de sequência didática utilizando-se como principal ferramenta para leituras e produção de relatos pessoais, leituras e apreciação de músicas selecionadas pelos agentes desse processo, produções de relatos pessoais a partir da letra de canção preferida dos discentes, confecção de cartazes, murais, e espaços de pesquisa.

Foram contempladas as análises, os comentários que se fizeram pertinentes acerca das dificuldades encontradas na execução do projeto e as estratégias utilizadas para superá-las.

3.5 Etapas e Procedimentos

Descrevemos os procedimentos de aplicação da sequência didática, suas etapas e as devidas atividades, dando ênfase aos aspectos relevantes do processo, no que se refere ao letramento, na compreensão, interpretação e produção de um relato pessoal. Foram contemplados a análise os comentários que se fizeram pertinentes acerca das dificuldades encontradas na execução do projeto e as estratégias utilizadas para superá-las

3.5.1 Módulo I – Sensibilização e motivação

Inicialmente, os alunos foram encaminhados para a sala de informática e com o uso do *data show* apresentei o projeto para os alunos: título, objetivo geral e específicos e as etapas de desenvolvimento.

Após a explanação do projeto e suas etapas, a fim de nortear a conversa acerca do gênero trabalhado solicitei aos alunos que respondessem oralmente se eles lembravam da primeira professora. Qual o nome dela? Se gostavam dela?

Essa foi uma boa oportunidade para explorar a percepção oral dos alunos em relação as memórias bem como a forma como essas lembranças foram contadas. Inicialmente, ficaram tímidos, mas, a conversa fluiu e foram relatados momentos marcantes como o exemplo de uma aluna que fez um relato oral de quando era pequena e morava em um sítio e nesse sítio a “escolinha” em que estudava só oferecia o ensino fundamental até a 4ª série. Terminada a 4ª série, ela precisava viajar quilômetros para a cidade e o pai dela não permitiu, segundo ele “ela precisava apenas saber ler e fazer algumas continhas que já estava bom demais” mas, o sonho dela era continuar seus estudos, pediu ao Professor que fosse falar com seus pais. Um certo dia, o professor foi a casa da aluna para pedir que ela fosse até a cidade para dar continuidade aos estudos, porém o pai novamente se negou.

Por isso é que só depois de muito tempo ela voltou a estudar e estava ali na EJA tentando recuperar o tempo perdido não por sua vontade, mas pelas consequências da vida. Foi um momento de emoção e reflexão pois, a aluna contava seu relato e chorava ao mesmo tempo e isso fez com que os outros alunos também participassem e cada um do seu jeito relatasse momentos de quando era criança. Um outro aluno também contou que quando estudava a primeira série, ficou de castigo com joelhos no milho fato que ele nunca esqueceu como também não esqueceu o nome da professora. E assim transcorreu esse primeiro momento da aula. Depois dos questionamentos iniciais e os relatos orais em sala de aula, com o intuito de dar continuidade á aula, entreguei aos alunos cópias xerografadas do texto.

Quadro 1 Texto: Minha Primeira Professora, de Paulo Freire, 1994.

TEXTO I- MINHA PRIMEIRA PROFESSORA, de Paulo Freire

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto. Chamava-se Eunice Vasconcelos (1909-1977), e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de "sentenças".

Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar. Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal.

Não houve ruptura alguma entre o novo mundo que era a escolinha de Eunice e o mundo das minhas primeiras experiências - o de minha velha casa do Recife, onde nasci, com suas salas, seu terraço, seu quintal cheio de árvores frondosas. A minha alegria de viver, que me marca até hoje, se transferia de casa para a escola, ainda que cada uma tivesse suas características especiais. Isso porque a escola de Eunice não me amedrontava, não tolhia minha curiosidade.

Quando Eunice me ensinou era uma menina, uma juvenzinha de seus 16, 17 anos. Sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: "Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!..." É como se ela me tivesse chamado.

Eu me entregava com prazer à tarefa de "formar sentenças". Era assim que ela costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma.

Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua - os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais.

Mais tarde ficamos amigos. Mantive um contato próximo com ela, sua família, sua irmã Débora, até o golpe de 1964. Eu fui para o exílio e, de lá, me correspondia com Eunice. Tenho impressão de que durante dois anos ou três mandei cartas para ela. Eunice ficava muito contente.

Não se casou. Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência. E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer a docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida. a menina, uma juvenzinha de seus 16, 17 anos. Sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: "Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!..." É como se ela me tivesse

chamado.

Eu me entregava com prazer à tarefa de "formar sentenças". Era assim que ela costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma.

Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua - os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais.

Mais tarde ficamos amigos. Mantive um contato próximo com ela, sua família, sua irmã Débora, até o golpe de 1964. Eu fui para o exílio e, de lá, me correspondia com Eunice. Tenho impressão de que durante dois anos ou três mandei cartas para ela. Eunice ficava muito contente.

Não se casou. Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência. E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer a docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida.

Eunice foi professora do Estado, se aposentou, levou uma vida bem normal. Depois morreu, em 1977, eu ainda no exílio. Hoje, a presença dela são saudades, são lembranças vivas. Me faz até lembrar daquela música antiga, do Ataulfo Alves: "Ai, que saudade da professorinha, que me ensinou o bê-á-bá"

(Paulo Freire, publicado pela Revista *Nova Escola* em dezembro de 1994).

Disponívelem

http://www.genealogiafreire.com.br/bio_paulo_reglus_neves_freire.htm

Fonte: (THOMAZ e TAVELA, 2010, p. n.p)

De início, os alunos realizaram uma leitura silenciosa do texto e posteriormente, uma nova leitura em voz alta. Após a leitura, encaminhei-os para o debate e reflexão sobre algumas questões do tema e interpretação e sobre o primeiro elemento de análise na produção dos alunos: o **conteúdo** que pauta na macroestrutura do gênero relato pessoal, a partir da ficha de leitura:

Quadro 2 Questões de interpretação e análise do primeiro elemento constitutivo do gênero relato

<i>Qual é a relação entre o título e o conteúdo do texto?</i>
<i>Quem são os personagens?</i>
<i>Qual é o tipo de narrador do texto lido? Quem é esse narrador?</i>
<i>Qual trecho do texto permitiu a identificação do narrador?</i>
<i>Quando se passam os fatos?</i>
<i>Qual é o episódio relatado no texto?</i>
<i>A história lida trata-se de um fato real ou fictício?</i>
<i>Como foi a ida do menino para a escola?</i>
<i>Como Dona Eunice ensinava as “sentenças” ao menino?</i>
<i>Vocês conhecem esse gênero textual?</i>
<i>Por que e para que Paulo Freire escreveu esse texto?</i>
<i>Que sentimento principal o narrador vivencia ao fazer seu relato?</i>
<i>Que sentimentos e emoções esse texto despertou em você?</i>

Fonte:(THOMAZ e TAVELA, 2010)

De posse da ficha de leitura, os estudantes responderam as questões no caderno e em seguida, foram convidados a socializarem com os demais colegas as suas conclusões acerca dos questionamentos e terminada a considerações e com o objetivo de oferecer aos alunos condições para escrever a primeira versão do texto em sala de aula, baseando-se na seguinte sugestão adaptada do livro didático Rodella, Nigro e Campos (2009, p. 21):

Quadro 3 Proposta da produção inicial

Assim como o autor do texto que você leu, pense e anote os dados que você considerar mais importante a respeito da sua vida. Pense em quem você é, onde mora, com quem convive, um acontecimento marcante etc. Após pensar e organizar os dados sobre sua vida, comece a escrever um relato pessoal

Fonte: (RODELLA, NIGRO e CAMPOS, 2009, p. 21)

Com a primeira produção textual dos alunos em mãos, foi o momento de planejar as intervenções necessárias, para tanto, foi realizada uma análise cuidadosa da primeira produção na qual eu percebi que alguns alunos mostraram ter algumas noções do gênero relato pessoal, mas que precisavam melhorar a linguagem nos seus aspectos gramaticais, ortográficos e composicionais, ou seja,

organização cronológica dos fatos e as escolhas dos elementos textuais característicos do gênero relato.

Retomando a aula anterior, perguntei aos alunos sobre o assunto que foi discutido na aula anterior e convidei-os a se dividir em dupla em seguida, distribui para eles parágrafos do texto. *Sua Presença em minha vida foi fundamental* de, Ziraldo para que os mesmos colocassem na ordem linear e cronológica dos fatos. Dado um tempo para que os alunos fizessem a atividade abaixo sugerida.

Quadro 4 Ordem linear e cronológica dos fatos

a- O desenhista informa que ficou pouco tempo na escola em que trabalhava a professora Dulce, porém deve ao lugar uma enorme carência afetiva, que foi positivamente transformada em obras.
b- Dona Glória foi responsável por tirar a palmatória furadinha da sala do escritor.
c- Ziraldo relata que a primeira professora de quem se lembra foi negativamente marcante. Ele achava não ter muito prestígio com ela, provavelmente porque era o patrão de seu pai quem pagava a mensalidade da escola.
d- Ao relembrar lembranças, o desenhista afirma ter descoberto que Dona Glorinha foi sua professora maluquinha.
e- Ziraldo conta que, na igreja, após sua primeira comunhão, ao contrário dos outros meninos, ele não recebeu um santinho como recordação.
f- A segunda professora marcante na vida do escritor foi discípula de Helena Antipoff, que revolucionou o ensino básico mineiro por se opor às palmatórias.
g- Em seu relato, Ziraldo diz ter descoberto que a presença de Dona Glorinha em sua vida foi fundamental.
h- Dona Glorinha viu o descaso com Ziraldo na igreja e, no outro dia, deu-lhe um lindo santinho com uma dedicatória.

Fonte: (OLIVEIRA, SILVA, *et al.*, 2015, p. 91)

Nessa atividade os alunos em grupo na sala, de posse das tiras de papel com trechos do relato pessoal, eles colaram em uma outra folha de papel na ordem em os fatos iam sendo relatados. A atividade foi realizada da seguinte maneira: a sala foi dividida em grupo de quatro componentes. Cada componente leu a tira da qual estava de posse e à medida que identificou o início, o meio e o fim da história colou em uma folha avulsa. Após realizada a colagem, cada grupo apresentou para o grande grupo o trabalho realizado, assim eles puderam compartilhar o resultado de seus trabalhos e lhes foram entregues cópias xerografadas do texto *Sua presença*

em minha vida foi fundamental, de Ziraldo, que foi utilizado para a atividade de colagem e que segue transcrito abaixo, para ser lido e para que os alunos verificassem se acertaram a ordem dos fatos.

Figura 1 Relato de Ziraldo

Sua presença em minha vida foi fundamental



Açúcar pessoal

O escritor e desenhista Ziraldo, criador do Menino Maluquinho.

Agora, depois da fama, a preços mais condizentes. Com a fama...

Engraçado, eu não tenho um professor inesquecível. Tenho muitos professores inesquecíveis. A primeira professora que minha memória grava não tinha carinho comigo. Botava todos os meninos branquinhos no colo, mas a mim, não. Um dia, sentei no colo dela por minha conta e ela me botou no chão. (Deve ser por isso que até hoje sou maluco por colo feminino...) Era uma escola particular, papai não tinha como pagar as mensalidades, era o patrão dele quem pagava. Vai ver, daí vinha minha falta de prestígio com a professora. Devia ter esquecido o nome dela, mas não esqueci. Ela se chamava Dulce, mas não era nada doce.

Felizmente, não fiquei muito tempo nessa escola, mas, por causa dela, vim vindo pela vida curtindo uma enorme carência afetiva. Que consegui transformar em desenhos, livros, peças de teatro, logotipos, cartazes e ilustrações – tudo a preços módicos. (Pelo menos no início.

Minha segunda professora marcante foi dona Glorinha d'Ávila, mãe do poeta e escritor mineiro João Etienne Filho. Ela era discípula de Helena Antipoff, que revolucionou o ensino básico de Minas na década de 40. Dona Helena percebeu logo que não dava pra mudar a cabeça das professoras mineiras, que tinham ainda penduradas na parede da sala de aula as assustadoras palmatórias. Então, formou 150 jovens idealistas e as espalhou por Minas Gerais, com a missão de mudar a escola por dentro. Uma dessas jovens era a dona Glorinha, que, entre outras coisas e contra a vontade das velhas professoras do Grupo Escolar e de sua rabugenta diretora, retirou a palmatória furadinha da parede de minha classe. Só mais tarde foi que percebi a luta de dona Glorinha. Que ela venceu. Descobrimo – bem mais tarde – que sua presença em minha vida tinha sido fundamental para que não a perdesse por aí. A vida, digo. Um domingo, fiz a primeira comunhão e não ganhei santinho. Na segunda-feira, ela mandou me chamar na secretaria. “Você fez primeira comunhão ontem, não fez?” Como é, meu Deus, que uma pessoa adulta, tão importante, pôde prestar atenção num menininho pardo fazendo primeira comunhão naquela catedral tão grande? (Pois minha cidadezinha tinha catedral...) Ela aí perguntou: “Você ganhou um santinho de recordação?” Não havia ganho, não. Aí, ela abriu a gaveta, tirou um santinho lindo e escreveu uma dedicatória onde li as palavras “brilhante” e “futuro” que, na hora, não fizeram o menor sentido para mim. Somente um pouco mais tarde descobri que ela sabia tudo da minha vida, vinha me observando no meio de centenas de alunos do velho Grupo e até já havia mandado chamar meu pai pra conversar...

Engraçado, agora, remoendo essas lembranças, descubro que tive uma professora maluquinha, sim. Foi a dona Glorinha d'Ávila, tão pequeninha, tão frágil, tão bonitinha...

Notu Escola, São Paulo, Ed. Abril, set. 1998.

Fonte: Oliveira, et all(2015, p. 90).

A atividade teve como objetivo levar os alunos a perceberem que em um relato, a estrutura composicional é organizada em uma ordem linear e cronológica, ou seja, o início, o meio e o fim. Nessa atividade, os alunos refletiram acerca do plano global do gênero relato pessoal na tentativa de situar o leitor no tempo e no espaço em que essas lembranças se desenrolam, evidenciando o segundo e o terceiro elemento constituinte do texto, **estilo e composição**.

Após a leitura e discussões para reflexões acerca do estilo e composição, do segundo texto, os alunos perceberam a partir de uma explanação oral dialogada, que os textos *minha primeira professora, de Paulo Freire* e o texto. *Sua presença em minha vida foi fundamental, de Ziraldo*, pertencem a um gênero textual denominado relato pessoal. Neles, os autores relatam momentos significativos de suas vidas, comunicando ao leitor, por meio de fatos e sensações, suas visões do mundo e de si mesmo. Ao resgatar essas lembranças e as expor como se estivesse revivendo no presente os acontecimentos vividos, eles usam palavras e verbos que situam as ações no tempo e esse modo de organizar o pensamento leva os autores a

recorrerem ao **pretérito perfeito**, e ao tempo **presente**, quando querem inferir comentários no momento da escrita. Como vimos, ao escreverem suas histórias de vida, os autores situam suas ações no passado e no presente ressignificando os momentos vivenciados.

Foi explanado também que, além dos verbos, podemos perceber na escrita o uso dos **pronomes possessivos** visto que, o autor se refere a própria experiência de vida e o uso desses elementos característicos do gênero relato pessoal se faz necessário.

Também são muitos recorrentes nos relatos **expressões que marcam o tempo**, elementos que se justificam tanto para organizar a sequência dos fatos ocorridos quanto ligar e estabelecer relação entre as orações, Outro ponto que foi trabalhado que é fundamental para a construção do relato e que também faz parte do estilo/composição do gênero é o emprego da **primeira pessoa**. Ao lembrar-se do passado, o autor de um relato pessoal, relata sua história, colocando-se como narrador-personagem, ou seja, além de narrar os fatos ele participa da história.

Em seguida, dando continuidade à sequência didática, os alunos foram convidados à leitura do texto "**Jorge veste fardão**" de Zélia Gattai, Conforme o anexo A.

Em seguida, responderam as seguintes questões adaptadas do livro didático Aoki (2013, p. 71-74) acerca do texto com a finalidade de levar os alunos a apropriarem dos elementos constitutivos do gênero em seus aspectos estilísticos e composicionais:

QUADRO3 Atividade para apropriação dos elementos constitutivos do gênero em seus aspectos estilísticos e composicionais.

1- Releia este trecho do texto de Zélia Gattai e observe exemplos desse uso da linguagem.

Com a morte de Otávio Mangabeira, Jorge **candidatou-se** à sua vaga na cadeira 23, cujo patrono é José de Alencar e o fundador Machado de Assis. Em eleição tranqüila ele **foi** eleito a 6 de abril. A Cerimônia de posse **fora** marcada para daí a três meses, Jorge devia escrever seu discurso de posse, devia atender às entrevistas de jornalistas de toda parte, e experimentar o fardão... (p.73)

a- O que as palavras destacadas indicam?

Leia agora este trecho de outro livro de memórias de Zélia Gattai.

Num casarão antigo, situado na Alameda Santos número 8, nasci, cresci e passei parte da minha infância.

Ernesto Gattai, meu pai, alugara a casa por volta de 1910, casa espaçosa, porém desprovida de conforto. Teve muita sorte de encontrá-la, era exatamente o que procurava: residência ampla para a família em crescimento e, o mais importante, o fundamental, o que sobretudo lhe convinha era o enorme barracão ao lado, uma velha cocheira, ligada à casa, com entrada para duas ruas: Alameda Santos e Rua da Consolação. Ali instalaria sua primeira oficina mecânica. Impossível melhor localização!
<http://casashistoricaspaulistanas.blogspot.com/2010/10/alameda-santos-numero-8-zelia-gattai.html>

Capitulo 1

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. [..]
 ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008. P.41.

Encontre dois exemplos de pronomes possessivos no trecho lido de *Mémórias Póstumas de Brás cubas*.

Localize no texto “Jorge veste fardão” dois exemplos de expressões que foram utilizadas para marcar o tempo.

2-Encontre, nesse trecho, características do gênero relato pessoal.

Releia o texto “Jorge veste fardão” e encontre três exemplos de pronomes possessivos.

Capítulo 1

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. [..]

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008. P, 41.

3- Encontre dois exemplos de pronomes possessivos no trecho lido de *Mémórias Póstumas de Brás cubas*.

_____.

4- Localize no texto “Jorge veste fardão” dois exemplos de expressões que foram utilizadas para marcar o tempo.

_____.

Neste segundo módulo, com o objetivo de recuperar o conteúdo temático do primeiro relato *Minha primeira professora de*, Paulo Freire e do segundo relato *Sua presença em minha vida foi fundamental*, de Ziraldo e fazer uma relação intertextual ou seja, perceber a intertextualidade e, destacar a importância da amizade no contexto de sala de aula, na relação professor/aluno. Tendo em vista o que já se postulou em relação ao critério da intertextualidade, agora é a vez de entender como se estabelece a relação entre os relatos de Freire e Ziraldo e a música *Canção da América de*, Milton Nascimento e Fernando Brandt. É o que veremos no módulo seguinte.

3.5.2 MÓDULO II – Intertextualidade: relações textuais

Inicialmente, propus aos alunos a ouvir e apreciar a música *Canção da América de*, Milton Nascimento e Fernando Brandt. Na sala de informática os alunos foram convidados a apreciar o vídeo do youtube. (CALULINHO, 1980)

A questão do contexto de produção da música em estudo. No vídeo o cantor e compositor fala com detalhes da música Canção da América, fala do porquê da composição dessa música.

Canção Da América

Milton Nascimento e Fernando Brandt

Amigo é coisa para se guardar

Debaixo de sete chaves

Dentro do coração

Assim falava a canção que na América ouvi

Mas quem cantava chorou

Ao ver o seu amigo partir

Mas quem ficou, no pensamento voou

Com seu canto que o outro lembrou

E quem voou, no pensamento ficou

Com a lembrança que o outro cantou

Amigo é coisa para se guardar

No lado esquerdo do peito

Mesmo que o tempo e a distância digam "não"

Mesmo esquecendo a canção

O que importa é ouvir

A voz que vem do coração

Pois seja o que vier, venha o que vier

Qualquer dia, amigo, eu volto

A te encontrar

Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar

Fonte: (PROENÇA e HORTA, 1998, p. 27)

Quadro 4 – Motivação para composição da música *Canção da América*

No vídeo, o cantor relata que estava em Hollywood e não sabia falar inglês e estava se sentindo muito só. Então, conheceu um amigo que o ajudou, ficavam juntos o tempo todo. Até que Chegou o dia de voltar para o Brasil. Passando algum tempo ele volta para Los Angeles e não reencontra esse amigo. Ele vai para o quarto do hotel e começa a escrever a música em sua primeira versão na língua inglesa(com a convivência com o novo amigo ele aprendeu a língua inglesa). Com a ajuda de Fernando Bratt, cantor e compositor, traduz para o Português. No show de estréia da música ele tem uma grande surpresa, o amigo estava lá. O cantor detalha que “foi grande a emoção” a “alegria” de revê-lo. E ali diante da situação em que o Milton dedica a música ao amigo, o grande público começou a cantar a canção e a emoção tomou conta foi um momento muito especial.

Fonte: (TUBE, 2012)

Após a audição e apreciação da música *Canção da América* de, Milton Nascimento, os alunos divididos em grupos de cinco componentes fizeram uma releitura da música *Canção da América* de Milton Nascimento. Em seguida, entreguei-os uma ficha com seis questões. Foi dado um tempo para os alunos responderem as questões e logo após iniciou-se o debate. Na oportunidade, um aluno expôs um exemplo em relação a música *Gostava tanto de você* de, Tim Maia. De acordo com o aluno, Tim Maia compôs essa música em homenagem a uma filha que teria morrido. O que foi uma surpresa para todos pois pensávamos que a música se referia a um relacionamento amoroso entre casais. Momento oportuno para enfatizar a importância do contexto de produção do gênero. Depois os alunos confeccionaram cartazes referente à música *Canção da América* de, Milton Nascimento e o depoimento do artista a partir das questões que apontam para um diálogo entre o autor, texto e leitor:

Quadro 6-Texto para análise e interpretação da música Canção da América

1- Quais são as principais ideias do texto a respeito do sentimento da amizade?
2- E para você, um amigo é importante? Por quê?
3- O que você mais gosta e o que você menos gosta em um amigo?
4- Você considera que o tempo e a distância podem impedir o prosseguimento de uma amizade?
5- É possível estabelecer alguma relação entre o texto de Paulo Freire e Ziraldo e a música de Milton Nascimento? (p.20)
6- Quando você costuma ouvir música? Que estilo você prefere? Qual o tema que você mais gosta de ver retratado na canção?

Fonte: (PROENÇA e HORTA, 1998, p. 27)

Depois da reunião dos grupos, cada grupo leu suas conclusões, apresentando-as à classe.

3.5.3 MÓDULO III – Conhecendo o gosto musical dos alunos

Nessa etapa, nosso objetivo foi conhecer o gosto musical dos alunos através de um questionário que foi entregue à turma.

Quadro 7 Gosto musical dos alunos

<p>1- Qual o estilo musical que você mais gosta?</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 10px; margin: 10px 0;"> <p>() samba () romântica () Funk () Regue</p> <p>() Rap () Pagode () Hip Hop () Jazz</p> <p>() Axé () Gospel () Outros_____</p> </div> <p>2- Escreva o título e um trecho das músicas que você mais gosta.</p> <p>3- Entre as músicas que você citou, escolha uma que você mais gosta e explique o porquê de sua preferência por essa música.</p> <p>4- Agora, faça uma pesquisa das músicas que você mais gosta e traga para sala de aula a gravação e a letra da canção da sua música preferida.</p>
--

Com o objetivo de levar os alunos a expressar-se oralmente relatando suas histórias de vida a partir da música preferida, na sala de aula, em uma roda de conversa, foram ouvidas as músicas preferidas dos alunos uma a uma e à medida que íamos ouvindo, os alunos iam relatando. A primeira música ouvida foi *Homem – aranha* de, Jorge Vercillo, a segunda música foi *Amigo fura olho* de, Latino, depois *Bailando* de, Henrique Iglessias, *Alma Gêmea*, de Fábio Junior, *Lua de Cristal*, de Xuxa, *Te assumi para o Brasil* de, Matheus e Kauã, *Que amor é esse* de, Luma Elpídio, *Rep solidário* de, Mc. Marcinho, *Eu sou dos 3de*, Thalles Roberto, *Amo oSenhor* de, Fernanda Brum, *Ninguém morre de amor* de, Zezo dos Teclados. O relato oral do porquê daquela escolha e que momento da sua vida ela (a música escolhida) esteve presente foi conduzido pelos seguintes questionamentos:

Quadro 8 direcionar o relato oral acerca da música preferida

O fato acontecido?
As pessoas envolvidas?
O lugar onde aconteceu?
Quando aconteceu?
Por que você escolheu essa música?
Que sensações essa música provocou em você?

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi(2012, p. 142)

Após o relato oral dos alunos, momento ímpar, que motivou os mesmos a falar um pouco de si, das suas vivências, trazendo à tona sensações e sentimentos que marcaram suas vidas os alunos foram convidados a relatar por escrito o que foi relatado na oralidade.

3.5.4 MÓDULO IV – A segunda produção: intertextualidade com a música preferida

Chegamos à etapa final do processo de escrita e reescrita. Nesta etapa, os alunos foram convidados à reescrita do relato pessoal, agora, baseados na escolha da sua letra de canção preferida considerando as características do gênero estudado, para a escrita da segunda versão do relato pessoal. Foi entregue aos alunos a atividade abaixo, adaptada do livro didático (AOKI, 2013, p. 80), e depois da explanação oral de cada tópico, os alunos começaram a redigir em sala de aula. Para se chegar a versão final foram necessárias 3 aulas.

3.5.5 MÓDULO V – Mural: Relatos pessoais

Em seguida, com os auxilio dos colegas e sob a orientação do professor, foi confeccionado um MURAL na sala, onde foram afixados os relatos feitos pelos alunos, após todos os relatos serem lidos na sala.

ANÁLISES DOS RESULTADOS

Para realização da pesquisa foram utilizados textos retirados de livros didáticos e sites de internet para a produção de uma sequência didática baseada e adaptada do modelo de Dolz e Schneuwly (2004).

Para esta análise dos dados, dentre os textos produzidos pelos alunos foram selecionadas 06 produções sendo 03 textos referentes à primeira versão e 03 referentes à segunda produção.

A pesquisa foi dividida em cinco módulos. O primeiro módulo tratou da apresentação do projeto para os discentes, e em seguida uma primeira leitura para conhecimento do gênero relato. Após a leitura e discussão do texto, foi solicitada aos alunos a produção inicial de um relato baseado em algo que marcou suas vidas (dos alunos).

Abaixo, segue a produção textual do relato, cuja autora chamaremos de aluna A., para melhor compreensão e análise.

Quadro 9 primeira produção textual da aluna A

são tantas coisas boas e momentos marcantes. Como o nascimento das minhas filhas. Um presente de Deus, como é bom você poder gerar uma vida dentro do seu ventre.

É um momento pleno emocionante por demais, ver aqueles rostinhos pela primeira vez na sua frente é muito bom.

Você dedica sua vida a um filho, tudo você só chegar pra eles. Quando está doente logo nos preocupamos, para uma mãe filho não tem idade, sempre ela não deixa de pensar no bem-estar de seu filho.

Entre esses momentos marcantes, tem o dia do meu casamento, que sempre foi o meu sonho. Se casar na igreja, ir para o altar com meu marido. E esse sonho Deus realizou na minha vida. Foi muito maravilhoso, juntos aos meus familiares e amigos. Tudo era só alegria.

Sou grata por todos esses acontecimentos marcantes, marcaram a história da minha vida. Nessa cidade em que moro, ela só me trouxe e me traz alegria, de poder viver, juntos aos meus e poder compartilhar nossos momentos todos juntos. A história que marcou e que marca a minha é ser feliz e viver feliz.”

No texto em análise, quanto ao conteúdo, podemos perceber que a aluna expõe seus sentimentos, topicalizando momentos importantes como o dia do nascimento das filhas, o dia do casamento, o gostar da cidade onde mora.

Em relação ao estilo e à composição, no sentido de organizar as sequências dos fatos relatados e estabelecer relações coesivas na progressão textual, pode-se perceber que a mesma usou verbos no passado e no presente, “A história que marcou” e “mim trouxe” uso do pronome possessivo, “meu sonho “ e “nosso momentos”, alguns marcadores temporais: “é um momento pleno emocionante” e “primeira vez”.

No que se refere ao elemento composição, no que diz respeito ao aspecto cronológico, a aluna não seguiu a estrutura composicional do relato pois ela não relatou com detalhes os fatos que marcaram sua vida, nem observou a cronologia dos acontecimentos. Primeiro, ela fala do nascimento das filhas e depois fala do dia do seu casamento.

Quadro 10 Texto 1- Análise da produção inicial

Pronomes possessivos e tempos verbais	Marcadores temporais	Intertextualidade	
		<i>Relato</i>	Música
Pronomes: minha, meu, sua Pretérito perfeito: realizou, era, marcou	Pela primeira vez, quando, o dia do meu casamento, sempre,		

Vejamos a segunda versão da aluna A:

Quadro 11 Texto 1- Escrita final

“A história da música que marcou algo bom que aconteceu na minha vida.

As lembranças que essa música mim traz é, de quando eu era criança, numa tarde quando eu, estava assistindo TV, foi a primeira vez que ouviu essa canção. Então daí em diante ela ficou muito marcante naquele momento e até me emocionei.

Dos meus tempos, das brincadeiras de bonecas, com meus brinquedinhos de casinha, de brincar de vídeo game com meus irmãos.

O tempo pra lá de bom, junto a minha família, na hora do lanche, era uns dos momentos mais bom, de quando minha mãe preparava nosso lanchinho, um que delícia, daí fui crescendo mais essa letra eu não esqueci, ali que era a verdadeira infância, que podemos viver todas, aquelas alegrias.

É uma letra que faz você ter uma motivação de que tudo, que você sonhar, só basta acreditar, que pode se tornar real.

Lua de Cristal é ela que me traz muitas recordações boas, nela se canta, tudo que eu quiser, eu vou tentar melhor do que já fiz, esteja o meu destino onde estiver, eu vou buscar a sorte e ser feliz. Tudo que eu quiser o cara lá de cima vai me dar, me dar toda coragem que poder, que não me falte forças pra lutar, vamos com você. Nós somos invencíveis pode crer, todos somos um, e juntos não existe mal nenhum, O sonho está no ar, o amor me faz cantar.

E esse amor hoje me faz cantar, que tenho uma família, maravilhosa, pais, irmãos, todos são uma benção em minha vida. E o que vieram pra somar mais ainda.

E hoje meu destino é aqui, nesse momento bom, que estou estudando, com professores ótimos, colegas de classe que são o máximo.

Agradeço a Deus tudo que tenho e sou, que essa letra é uma motivação para você nunca desistir dos seus sonhos, apesar dos altos e baixos, mais que nunca deixe de lutar, por seu objetivo.

E tudo que eu fizer eu vou tentar melhor do que eu já fiz, meu destino está aqui, eu vou buscar minha sorte e redizer, o que eu sempre quis. Lua de cristal que ela sempre brilhe pra o sonho se realizar. E que você nunca deixe de sonhar. Quem sonha realizar.”

Nessa segunda produção, é possível perceber uma certa ampliação do conteúdo, veja que a autora do texto expõe seus sentimentos e emoções em relação aos acontecimentos que marcaram sua vida tais como: a sua infância, o cuidado e zelo com o qual era tratada por sua mãe, o carinho que a mesma recebeu, o convívio harmonioso com os irmãos, os momentos marcantes da sua infância.

No que é tocante ao estilo e a composição, são notórios nas escolhas da aprendente elementos textuais como advérbios e conjunções temporais que marcam o estilo do gênero relato tais como: “As lembranças que essa música mim traz” (linha 2); “quando eu era criança” (linha 2); “numa tarde quando eu estava assistindo TV, foi a primeira vez que ouviu essa canção”.(linha 2-3), “na hora do lanche”(linha 8); dentre outros exemplos. Isso demonstra que a mesma conseguiu se apropriar dos elementos constitutivos do gênero relato pessoal.

Verifica-se ainda, que houve progressão quanto à questão estrutural no que diz respeito à ordem cronológica dos fatos. Podemos exemplificar com passagens do texto tais como: “Dos meus tempos de brincadeira de boneca, com meus brinquedinhos de casinha, de brincar com vídeo game com meu irmãos” (linha 6-8), Um tempo pra La de bom” (linha 9) [...] “minha mãe preparava nosso lanchinho e foi possível”(Linha 11). “E hoje meu destino é aqui” (linha 29).

Observe o quadro com os elementos textuais marcando o estilo e a composição do gênero relato no que se refere aos marcadores de tempo e pronomes possessivos e à intertextualidade entre os textos da aluna e a letra de canção preferida:

Na questão do estilo, é possível notar na segunda produção a intertextualidade explícita entre a letra de canção preferida “Lua de Cristal”, de Xuxa e os momentos marcantes de sua vida quando criança como podemos perceber nas linhas (28-30).

Quadro 12 Texto 1- Análise de produção final

Pronomes possessivos e tempos verbais	Marcadores temporais	Intertextualidade	
		<i>Relato</i>	Música preferida
Pronomes: Meu, minha. Pretérito perfeito: Marcou, aconteceu, era, foi, ouviu, ficou etc. Pretérito imperfeito Preparava, estava; Presente: faz e tenho.	Primeira vez; Dos meus tempos de brincadeiras; um tempo pra La de bom; hoje; aqui; quando; daí em diante; dos meus tempos etc.	<i>E tudo que eu fizer eu vou tentar melhor do que eu já fiz, meu destino está aqui, eu vou buscar minha sorte e redizer, o que eu sempre quis.</i> <i>Lua de cristal que ela sempre brilhe, pra o sonho se realizar. E que você nunca deixe de sonhar. Quem sonha realizar.”</i>	Tudo que eu fizer Eu vou tentar melhor do que já fiz Esteja o meu destino onde estiver Eu vou buscar a sorte e ser feliz Lua de cristal Que me faz sonhar Faz de mim estrela Que eu já sei brilhar Lua de cristal Nova de paixão Faz da minha vida Cheia de emoção

Dando continuidade às análises dos textos produzidos pelos alunos, foi analisada a primeira versão do relato pessoal da aluna **B**. Seguimos a mesma ordem da primeira análise. Primeiro a transcrição do texto e por último, o quadro de análise.

Quadro 13 Texto 2- Escrita inicial

Com meus 5 anos, fui molestada pelo meu expadrasto. Tudo começou numa tarde quando minha mãe precisou sair. Ela me deixou em casa com ele. Então fui fazer minha atividade, sentei no sofá e comecei a fazer. Ele sentou do meu lado ficou si insinuando para mim, depois veio para cima de mim querer me tocar, eu não sabia exatamente o que fazer. Por diversos dias...

Nunca contei a minha mãe por medo. Depois eles brigaram e ela o mandou ir embora de casa.

Quando eu tinha aproximadamente 12 anos resolvi contar pra minha irmã, pedi segredo, porém, ela acabou dizendo a minha mãe, mas não deu em nada

Quando eu tinha aproximadamente 12 anos resolvi contar pra minha irmã, pedi segredo, porém, ela acabou dizendo a minha mãe, mas não deu em pelofato de ter acontecido a muitos anos atrás. Hoje em dia ele chega na minha casa e eu saio Odeio Ele!!!

Vejam a análise da aluna **B**. Observe que no que diz respeito ao conteúdo, a aluna expõe seus sentimentos e emoções em relação aos acontecimentos que marcaram sua vida tais como: a sua infância, um fato que a marcou profundamente, abuso sexual quando criança.

Quanto ao estilo e à composição, há nas escolhas dos elementos textuais que marcam o estilo do gênero relato tais como: “fui molestada pelo meu ex padrasto”(linha 1-2); “Tudo começou numa tarde quando minha mãe precisou sair. Ela me deixou em casa com ele”.(linha 3); “Depois veio para cima lanche” (linhas 10-11); dentre outros exemplos.

Na primeira versão do texto, verificou-se que a aluna B, utilizou as características do relato pessoal quanto à questão estrutural no que diz respeito à ordem cronológica dos fatos, podemos exemplificar com passagens do texto tais como: “Com meus 5 anos” (linha 1); “quando eu tinha aproximadamente 12 anos” (linha 18); “Hoje em dia” (linha 23). Observe no quadro os elementos característicos do gênero relato:

Quadro 14 Texto 2- Análise da produção final

Pronomes possessivos e tempos verbais	Marcadores temporais	Intertextualidade	
		Relato	Música
Pronomes:Meu, minha. Pretérito perfeito: fui, começou, precisou sair, deixou	Tudo começou; tarde; quando; depois etc.		

Agora, observemos a segunda versão do texto da aluna **B**

Quadro 15 Texto 2- Escrita final

Quando eu era criança passei por momentos difíceis na minha vida, aos 5 anos de idade fui molestada pelo meu ex-padrasto, passei algum tempo sem contar nada para ninguém ficando com esse ressentimento dentro de mim, me senti uma pessoa infeliz, sofri muito Mas um dia fui convidada por uma amiga para ir a uma igreja evangélica, não queria ir, mas algo dentro de mim me inquietou, então eu fui e lá pela primeira vez ouvi essa canção de Fernanda Brum que tem como título. Amo o Senhor. A partir daquele momento senti algo especial e percebi o amor que Jesus tem por mim, então voltei a ser feliz a acreditar em dias melhores e também, perdoar e tirar essa dor e essa mágoa que existe dentro de mim.

Hoje sou uma pessoa feliz e agradeço a minha amiga por naquele dia ter insistido para que eu fosse ao encontro de Jesus e que conseguisse aliviar essa dor que por tanto tempo tinha guardado dentro de mim, bom é sabe que minha esperança está a promessas de Deus, então hoje vivo para ti, amo o Senhor de todo o coração e tenho a paz que tanto preciso para viver.

Na produção do segundo texto, houve uma evolução considerando a ressignificação do dizer em relação ao primeiro texto quanto ao conteúdo, é visível no primeiro parágrafo que a aluna traz mais informações para expor seus sentimentos e emoções em relação aos acontecimentos que marcaram sua vida. Quanto ao estilo, nas escolhas, a educanda apresenta em seu texto elementos textuais que marcam o estilo do gênero relato tais como: “fui molestada pelo meu ex-padrasto” (linha 2); “passei algum tempo” (linha 2); “eu fui e lá pela primeira vez ouvi essa canção” (linhas 5-6), dentre outros exemplos.

Na segunda versão do texto, podemos verificar que a aluna utilizou perfeitamente das características do relato pessoal quanto à questão estrutural no que diz respeito à ordem cronológica dos fatos., Podemos exemplificar com passagens do texto tais como: “quando eu era criança” (linha 1); “Hoje sou uma pessoa feliz e agradeço a minha amiga” (linha 11).

A aluna também estabelece uma intertextualidade entre o seu relato e a música preferida. Observe no quadro que a aprendente consegue fazer uma paráfrase da música e produzir o seu relato enriquecendo a sua produção textual.

Quadro 16 Texto 3 -Análise da produção final

possessivos e tempos verbais	Marcadores temporais	Intertextualidade	
		<i>Relato</i>	Música
Pronomes: Meu, minha. Pretérito perfeito: fui, passei; começou, precisou sair, deixou	quando eu era criança; algum tempo; primeira vez	bom é sabe que minha esperança está a promessas de Deus, então hoje vivo para ti, amo o Senhor de todo o coração e tenho a paz que tanto preciso para viver	Minha esperança é Tua palavra que jamais desamparou Aquele que busca tua face e quer Viver para ti, pensar só em ti Romper com as barreiras do mundo aqui

Agora, partiremos para análise da primeira versão da aluna **C**, seguiremos a mesma ordem dos demais. A transcrição e logo após, o quadro de análise.

Quadro 17 Texto 3- Escrita inicial

<i>Minha Infância</i>
<p><i>Eu desde criança mim sinto diferente dos meus irmãos, por ser tratada com desigualdade na minha casa, nós éramos em sete irmão, mas não sei se por ser a mais velha sempre apanhava, e todos os dias ficava de castigo. Não tive um só dia que isso, não acontecesse, meu pai era muito bom e compreensivo nunca mim bateu, mais minha mãe era brava e exigente. Cresci um pouco revoltada com ela i dizia que nunca o perdoaria, mais o tempo passou e mim tornei uma grande mulher, já perdoei minha mãe.</i></p> <p><i>Hoje tudo que sou devo aos meus pais, que foi quem mim deram a vida meu pai, já faleceu no ano de 2008 a saudade é grande 10 anos se passaram mais para mim é como se tivesse sido ontem a mamãe hoje é dependente dos</i></p>

filhos, nós só temos agradecer a deus por ter ela, conosco, casei tive filhos e agora sei o que é o significado da palavra família

Observe como a autora do relato expõe seus sentimentos e emoções em relação a sua infância, um fato que a marcou profundamente, a preferência que a mãe dela demonstrava pelos outros irmãos. Quando ela recorre a esses sentimentos e emoções vivenciados em sua infância ela, consegue fazer uma ressignificação do que viveu e traz para o presente vendo os fatos vividos sobre uma outra visão que reflete em seu presente e conseqüentemente para o seu futuro.

Quanto ao estilo e à composição, podemos perceber nas escolhas da aluna, elementos textuais que marcam o estilo do gênero relato tais como: “mim sinto diferente” (linha 2) “cresci um pouco revoltada” (linha 10); “a saudade é grande” (linha 16), dentre outros exemplos.

Na primeira versão do texto, podemos verificar que a aluna utilizou perfeitamente das características do relato pessoal quanto à questão estrutural no que diz respeito à ordem cronológica dos fatos, utilizando-se, de recursos da língua para demarcar o tempo e ordenar as ações como podemos exemplificar com passagens do texto tais como: “Eu desde criança mim sinto diferente dos meus irmãos” (linha 1); “Mais o tempo passou e eu me tornei uma grande mulher” (linha 11); “10 anos se passaram”(linha 17); “ a mamãe hoje é diferente” (linha 19).

Quadro 18 Texto 3- Análise da produção inicial

Pronomes possessivos e tempos verbais	Marcadores temporais	Intertextualidade	
		<i>Relato</i>	Música
Pronomes:Meu, minha. Pretérito perfeito: <i>éramos, bateu, passou, deram, faleceu.</i>	Desde, sempre, o tempo passou, hoje, 10 anos se passaram, faleceu ano de 2008, ontem, agora.		

<i>Pretérito imperfeito</i>			
<i>Apanhava, ficava</i>			

Vejamos agora, a segunda versão do texto da aluna C:

Quadro 19 Texto 3- Escrita final

Hoje vou contar o motivo dessa música ter marcado minha vida.

Era um amigo especial, que sempre cantava essa música,

Nos dois éramos muito íntimos, sempre estava comigo, então no segundo dia de carnaval, ele queria vir pra gente se ver, falei que não dava certo por causa de babados nas pistas ou policiais, mais eu não imaginaria o que estava por vir, então ele veio escondido eu não sabia, até brigamos por causa disso, na mesma noite ele saiu

No outro dia acharam ele caído, inconsciente, levaram pro recife, incubaram ele, e ficou em coma por 14 dias ele abriu o olho e depois mexeu as mãos e logo em seguida chegou a óbito. Então soube da notícia, pra mim o mundo tinha desabado, comecei a pensar a lembrar os momentos bons e de tudo que já tínhamos passado principalmente daquela música,

E hoje faz 9 meses que ele não está mais aqui. Mais meus pensamentos a noite é que fico imaginando que poderia ter sido diferente, e que Deus tem um propósito pra tudo. E no final só resta a música que ele gostava. E que pra sempre vou ouvir.

Nessa produção, a aluna fala de suas emoções e sentimentos em relação aos acontecimentos que marcaram sua vida como a perda de um grande amigo ou quem sabe de um grande amor. Nota-se uma certa fuga ao tema referente a primeira versão. Na primeira, a aluna expõe seu sentimento em relação à preferência de sua relação a um possível amigo/namorado talvez, essa mudança em relação a temática deve-se ao fato de que a aluna não participou de todas as etapas do projeto tendo em vista a mesma morar distante e na época estava sem transporte devido as chuvas mas, mesmo assim ela consegue expressar o que sente através do seu relato.

Quanto ao estilo e a composição do gênero, assim como no primeiro relato, podemos perceber nas escolhas da aluna, elementos textuais que marcam o estilo

do gênero relato tais como: “o que estava por vir” (linha 11); “comecei a pensar,a lembrar os momentos bons” (linha 22); mais meus pensamentos a noite” (linha 27).

Na segunda versão do texto, verificamos que a aluna apesar de iniciar seu texto com a palavra “hoje”, ela também entende a ordem cronológica do relato pessoal, podemos exemplificar com passagens do texto tais como:“Era um amigo especial” (linha 3); Ele ficou em coma 14 dias”.

Como sugerido na proposta de produção, em relação á intertextualidade, elemento que contribui para a composição do gênero, com sua música preferida, a aprendente não faz referência no seu relato. No início de seu relato, ela diz que irá dizer o motivo pela escolha da música, mas não cita qual é a música e nem traz a intertextualidade entre o relato e a música.

Quadro 20 Texto 3- Análise da escrita final

Pronomes possessivos e tempos verbais	Marcadores temporais	Intertextualidade	
		<i>Relato</i>	Música
Pronomes: minhas, meus. Verbos: vou, era, contava, éramos, estava, queria, falei, saiu.	Hoje, sempre, segundo dia, mesma noite, no outro dia, por 14 dias, depois, logo em seguida; faz 9 meses.		

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação é composta de três capítulos, organizados em função de temas relevantes para uma reflexão teórica e prática. Este trabalho foi concebido com o objetivo desenvolver a compreensão leitora e de escrita dos alunos de maneira que pudessem escrever textos autorais. O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise das produções textuais dos alunos da EJa (Ciclo IV), no qual os alunos foram convidados a produzirem um relato pessoal a partir da intertextualidade com as músicas preferidas.

Não restam dúvidas de que foi uma experiência impar que resultou em um trabalho que ofereceu condições favoráveis à aprendizagem e a prática de incentivo ao protagonismo e a participação ativa dos alunos. Cabe apontar que, as atividades de leitura e escrita desenvolvidas partem do princípio de que os sentidos dos textos é construído na interação que o leitor estabelece com esses textos e outros textos, com quem dialoga.

Durante todo o processo os alunos demonstraram interesse pelo tema visto que o relato pessoal e a música preferida estão diretamente relacionados com a prática social dos mesmos e foram abordadas em sala de aula, de certo modo, de maneira natural convidativa, momento o qual eles puderam expressar-se oralmente e por escrito suas apreensões e sentimentos, evidenciando que de fato nossos objetivos foram alcançados.

O legado desses alunos da EJA foi evidente quando aprofundamos o debate em sala de aula. Esse foi o grande desafio do projeto: entrar no mundo desses jovens, compreender seus gostos, suas crenças, suas ilusões e desilusões. Nesse processo de construção da escrita, enfatizamos uma interlocução real e concreta baseada nos gêneros textual/discursivo relato pessoal para que a escrita fosse constituída como uma prática social.

Para tanto, tomamos como ponto de partida as letras de canção preferidas dos alunos para chegar à produção escrita do relato pessoal de forma que os alunos estabelecessem relações de linguagem, ou seja, intertextualidade entre as músicas preferidas e o relato, visto que ambos os gêneros apresentam características semelhantes.

Quanto à expressão de sentimentos e apreensões humanas. A intertextualidade destacou-se como condição favorável para a produção do relato, visto que a música/ letra de canção está presente no dia a dia dos nossos alunos.

Dada a importância do tema, essa pesquisa também contribuiu na prática de escuta em sala de aula, na oralidade, na interação e no desenvolvimento dos níveis de leitura e escrita dos alunos da EJA- Ciclo IV, de modo que eles desenvolveram competência leitora em relação ao gênero abordado, os elementos constitutivos do gênero estudado e produziram seus próprios relatos estabelecendo a intertextualidade com suas músicas preferidas como mostram as análises dos dados.

. Diante do exposto, concluiu-se que deve-se enfatizar um ensino de produção textual oral ou escrita levando o aluno a refletir sobre a função do texto, percebam a importância de fazer um planejamento, uma pesquisa, uma revisão e uma reescrita. Então, fica evidente que os resultados da proposta contribuíram para manutenção do interesse dos alunos pelas práticas de leitura e escrita. Esperamos, ainda, que a pesquisa e seus resultados venham contribuir didaticamente com outras práticas escolares e propostas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. C. **Língua, gêneros textuais e ensino: Considerações teóricas e implicações pedagógicas.** [S.l.]: [s.n.], v. 20, 2002. 65-76 p.
- _____. **Língua, texto e ensino: Outra escola possível.** São Paulo: Parábola, 2009.
- AOKI, V. **EJA MODERNA.** São Paulo: Moderna, 2013.
- AZEVEDO, J. C. D. **Ensino de Português: Fundamentos, percursos, objetos.** Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal.** 2. ed. Martins Fontes: São Paulo, 1997.
- BATISTA, A. A. G. et al. **Pró letramento: Alfabetização e Linguagem: Capacidades linguísticas: Alfabetização e Letramento.** Brasília: UFMG, 2008.
- BEYER, E. E. K. P. **Pedagogia da música: Experiência e apreciação musical.** Porto Alegre: Mediação, 1999.
- BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. D. C. **Projeto Teláris: Português.** São Paulo: Ática, 2012.
- BORGES, M. R. R.; LIMA, V. D. R. **Tendências contemporâneas do ensino de Biologia no Brasil.** [S.l.]: Revista electrónica de Enseñanza de las ciencias, v. 6, 2007. 165-175 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ano do ensino fundamental,** Brasília, 1998.
- _____. MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 06 mar 2018.
- CALULINHO. **Milton Nascimento canta "Canção da América" (Milton Nascimento - Fernando Brant) no Fantástico (TV Globo) de 1980,** 1980. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kDe3qOhrJLo>>. Acesso em: 03 mar. 2018.
- CIAVATA, M.; RUMMERT, S. M. **As implicações políticas e pedagógicas do currículo na Educação de jovens e adultos integrada a formação profissional.** São Paulo: Educação e Sociedade, v. 31, 2010.
- COSCARELLI, C. V. **Gêneros textuais na escola.** 2007: Revista veredas, v. 11.
- DI PIERRO, M. C. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil.** São Paulo: Educação e Sociedade, v. 26, 2005.
- _____. **Educação de jovens e adultos na América Latina e Caribe: trajetória recente.** [S.l.]: Caderno de pesquisa, v. 38, 2013. 367-391 p.
- _____. JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil.** São Paulo: Cadernos cedes, v. 21, 2001. 58-57 p.
- DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino.** 5ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHENEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- DURANTE, M. **Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Grupo A, 1998.
- FÁVERO, O.; FREITAS, M. **A educação de adultos e jovens e adultos: Um olhar sobre o passado e o presente**. [S.l.]: Revista interAção, v. 36, 2011. 365-392 p.
- JULIÃO, E. F. **Educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade: desafios para a política de reinserção social**. [S.l.]: Revista de educação de jovens e adultos, v. 2, 2008. 1-116 p.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os segredos de um texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Ler e compreender os sentidos de um texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gênero**. [S.l.]: Linguagem em (DISC), v. 6, 2010. 547-573 p. ISBN 3.
- MACHADO, M. A. **A educação de jovens e adultos no Brasil pós- Lei nº 9.394/96 a possibilidade de constituir-se como política pública**. Rio de Janeiro: em aberto, v. 22, 2009.
- MARCUACHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: Teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- OLIVEIRA, T. A. et al. **Tecno Linguagens**. 4ª. ed. São Paulo: IBEP, 2015.
- OPERACIONAIS, D., 2019. Disponível em: paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao->. Acesso em: 04 maio 2019.
- PAIVA, J. **A construção coletiva da política de educação de jovens e adultos no Brasil**. Rio de Janeiro: Em Aberto, v. 22, 2009.
- PAIVA, J.; OLIVEIRA, I. B. **Educação de jovens e adultos**. Petropolis: DP&A, 2009.
- PRÓ LETRAMENTO, P. D. F. C. D. P. A. E. L. UFMG. Brasília. 2008.
- PROENÇA, G.; HORTA, R. **A palavra é Português**. São Paulo: Ática, 1998.
- RIBEIRO, V. D. S.; ARRAIZ, B. M. **Sucesso sistema de ensino: produção textual**. Recife: Edições pedagógicas, v. 7, 2012.
- RIBEIRO, V. M. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico**. São Paulo: Educação & Sociedade, 1999. 184-201 p.
- RODELLA, G.; NIGRO, F.; CAMPOS, J. **PORTUGUÊS: A ARTE DA PALAVRA**. São Paulo: AIS LTDA, 2009.
- RUMMERT, S. M.; VENTURA, J. P. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade-considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo escola**. Curitiba: Educar em revista, 2007.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. [S.l.]: Educ.[on-line], 2003. 16-39 p.

STRELHOW, T. B. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil, online**. [S.l.]: [s.n.], v. 10, 2010. 49-59 p.

THOMAZ, J. R.; TAVELA, M. C. W. Poral do professor. **MEC**, 2010. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20187>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

TUBE, F. B. Canção, Milton Nascimento conta história de música. **YOU TUBE**, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zsEVQvqFcfY>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

APÊNDICE A - Questionário para os alunos acerca do gosto musical preferido

1- Qual o estilo musical que você mais gosta?

<input type="checkbox"/> samba	<input type="checkbox"/> romântica	<input type="checkbox"/> Funk	<input type="checkbox"/> Regue
<input type="checkbox"/> Rap	<input type="checkbox"/> Pagode	<input type="checkbox"/> Hip Hop	<input type="checkbox"/> Jazz
<input type="checkbox"/> Axé	<input type="checkbox"/> Gospel	<input type="checkbox"/> Outros_____	

2- Escreva o título e um trecho das músicas que você mais gosta.

3- Dentre as músicas que você citou escolha uma que você mais gosta e explique o porquê de sua preferência por essa música.

Nesta atividade, espera-se que os alunos façam um relato oral a partir da sua música preferida, em uma roda de conversa, partindo dos seguintes questionamentos:

O que aconteceu?

Quem estava envolvido?

Onde e quando aconteceu?

Por que motivo aconteceu?

Como aconteceu?

ANEXOS

ANEXO A- Relato pessoal

Jorge veste fardão

Nosso plano, ao voltarmos ao Rio, no início de 1961, era acertar o colégio dos meninos, esperar que os velhos voltassem da fazenda, orientar a empregada, organizar as coisas lá em casa para então tomar um avião e voltar para Bahia a fim de continuar a *via crucis* em busca de casa. Mas nosso plano falhou, aliás, nunca podemos fazer planos e contar certo com eles. Sempre acontece alguma coisa que impede. Dessa vez foi a eleição da Academia Brasileira de Letras.

Com a morte de Otávio Mangabeira, Jorge candidatou-se à sua vaga na cadeira 23, cujo patrono é José de Alencar e o fundador Machado de Assis. Em eleição tranquila ele foi eleito a 6 de abril. A cerimônia de posse fora marcada para daí a três meses, Jorge devia escrever seu discurso de posse, devia atender a entrevistas de jornalistas de toda parte, e experimentar o fardão... Ah! O fardão! Habitado a roupas leves, sandálias nos pés, que penitência experimentar o fardão! Não podíamos, de forma alguma, pensar em viajar antes da posse na Academia.

Por falar em fardão, peço licença para contar uma historinha sobre o fardão: na noite da posse na Academia, enquanto ajudava Jorge a se vestir, ouvia ele reclamar da escravidão do fardão justo, de lã quente, os bordados a ouro, segundo ele, "esses bordados pesam que é um horror!".

Dei um passo atrás, olhei-o dos pés à cabeça, encantada:

— Pronto. Já estou prontinho, lindo!

— Me dê uma tesoura aí — ordenou ele.

— Uma tesoura: para quê?

— Não pergunte nada, Zélia, me dê uma tesoura, depressa! — assim dizendo, foi desabotoando a casaca — é a casaca ou fraque? — que me dera tanto trabalho abotoar. Apanhou a tesoura que lhe entreguei e, antes que eu dissesse qualquer coisa ou tentasse impedi-lo, foi cortando o colarinho branco, alto, duro de goma,

deixando-o esfiapado, rente à parte escura de lá. Em seguida me devolveu a tesoura: — Muito obrigado. Agora vou me sentir mais aliviado, melhor.

Ao ver o filho de fardão, de chapéu bicorne com arminhos, capa e espada, seu João, que nesse dia envergara o melhor terno e colocara no dedo mindinho o anelão de brilhante, sorriu satisfeito. “Meu filho!”, murmurou e não conseguiu dizer mais nada. Nesse dia Lalu foi ao cabeleireiro, vestiu o traje bordado de miçangas, elegante, feito pela sobrinha Diná, famosa modista. Não perdeu a oportunidade de querer me convencer mais uma vez a desistir da Bahia: “Tu tá vendo, fia? Na Bahia tem Academia de Letras, com todo esse luxo?”.

Jorge completaria 49 anos daí a um mês, a 10 de agosto, e os amigos, no Rio, preparavam-lhe uma festa. Viajaríamos depois.

GATTAI, Zélia. *A casa do Rio Vermelho: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 32-34.



▲ Zélia Gattai e Jorge Amado na casa do Rio Vermelho, em Salvador, em dezembro de 1994.

Fonte:(AOKI, 2013, p. 65-66)

ANEXO B – Músicas / Letras de canções preferidas dos alunos

Amo o Senhor

Fernanda Brum

*Amo o Senhor, meu Salvador
Anelo tê-lo bem junto a mim*

*Minha esperança é
Tua palavra que jamais desamparou
Aquele que busca tua face e quer*

*Viver para ti, pensar só em ti
Romper com as barreiras do mundo aqui*

*Voar com o Pai nas asas da fé
E ser revestido de glória e poder
Amo o Senhor*

*Amo o Senhor, meu Salvador
Anelo tê-lo bem junto a mim*

*Minha esperança é
Tua palavra que jamais desamparou
Aquele que busca tua face e quer*

*Viver para ti, pensar só em ti
Romper com as barreiras do mundo aqui*

*Voar com o Pai nas asas da fé
E ser revestido de glória e poder
Amo o Senhor*

*Viver para ti, pensar só em ti
Romper com as barreiras do mundo aqui*

*Voar com o Pai nas asas da fé
E ser revestido de glória e poder (amo o Senhor)*

*Viver para ti, pensar só em ti
Romper com as barreiras do mundo aqui*

*Voar com o Pai nas asas da fé
E ser revestido de glória e poder*

Fonte: Letras. disponível em <https://www.letas.mus.br/fernanda-brum/83539/> Acesso em: 28 ago 2019

Lua de Cristal**Xuxa**

*Tudo pode ser, se quiser será
O sonho sempre vem pra quem sonhar
Tudo pode ser, só basta acreditar*

Tudo que tiver que ser, será

*Tudo que eu fizer
Eu vou tentar melhor do que já fiz
Esteja o meu destino onde estiver
Eu vou buscar a sorte e ser feliz*

*Tudo que eu quiser
O cara lá de cima vai me dar
Me dar toda coragem que puder
Que não me falte forças pra lutar*

*Vamos com você
Nós somos invencíveis, pode crer
Todos somos um
E juntos não existe mal nenhum*

*Vamos com você
Nós somos invencíveis, pode crer
O sonho está no ar
O amor me faz cantar*

*Lua de cristal, que me faz sonhar
Faz de mim estrela que eu já sei brilhar
Lua de cristal, nova de paixão
Faz da minha vida, cheia de emoção*

*Lua de cristal, que me faz sonhar
Faz de mim estrela que eu já sei brilhar
Lua de cristal, nova de paixão
Faz da minha vida, cheia de emoção*

*Tudo que eu fizer
Eu vou tentar melhor do que já fiz
Esteja o meu destino, onde estiver
Eu vou buscar a sorte e ser feliz*

Tudo que eu quiser

*O cara lá de cima vai me dar
Me dar toda coragem que puder
Que não me falte forças pra lutar*

*Vamos com você
Nós somos invencíveis, pode crer
Todos somos um
E juntos não existe mal nenhum*

*Vamos com você
Nós somos invencíveis, pode crer
O sonho está no ar
O amor me faz cantar*

*Lua de cristal, que me faz sonhar
Faz de mim estrela que eu já sei brilhar
Lua de cristal, nova de paixão
Faz da minha vida, cheia de emoção
Lua de cristal, que me faz sonhar
Faz de mim estrela que eu já sei brilhar
Lua de cristal, nova de paixão
Faz da minha vida, cheia de emoção
Lua de cristal, que me faz sonhar
Faz de mim estrela que eu já sei brilhar
Lua de cristal, nova de paixão
Faz da minha vida, cheia de emoção*

Ninguém morre de amor

Zezo dos teclados

Ninguém nunca vai ver

Eu me lamentando

Pelos cantos chorando

Agindo feito louco

Brigando com o mundo

E reclamando da vida

Diz um ditado certo

Ninguém é de ninguém

Se o amor não deu certo

Logo outro vem

Eu posso até sofrer

Mas logo encontro saída

Fonte: Letras. disponível em <https://www.letas.mus.br/zezo/ninguem-morre-de-amor>. Acesso em 28 ago 2019

ANEXOS C – Música canção da América de Milton Nascimento e Fernando Brandt

Canção Da América

Milton Nascimento e Fernando Brandt

Amigo é coisa para se guardar

Debaixo de sete chaves

Dentro do coração

Assim falava a canção que na América ouvi

Mas quem cantava chorou

Ao ver o seu amigo partir

Mas quem ficou, no pensamento voou

Com seu canto que o outro lembrou

E quem voou, no pensamento ficou

Com a lembrança que o outro cantou

Amigo é coisa para se guardar

No lado esquerdo do peito

Mesmo que o tempo e a distância digam "não"

Mesmo esquecendo a canção

O que importa é ouvir

A voz que vem do coração

Pois seja o que vier, venha o que vier

Qualquer dia, amigo, eu volto

A te encontrar

Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar

ANEXO D- Primeiras Produções do Relato Pessoal

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DO
 Mestrado Profissional - PROFLETRAS
 Pesquisador: Maria Lúcia da Silva Ferreira
 Produção textual inicial

Assim como os autores dos textos que você leu, pesquise, pense e anote os dados que você considerar mais importante a respeito da sua vida. Pense em quem você mora, com quem convive, um acontecimento marcante, etc. Após pensar e organizar os dados sobre sua vida, comece a escrever um relato pessoal

São tantos sonhos, becos e momentos marcantes, como o
 nascimento das minhas irmãs - Uma presente de Deus, como
 e como não poder ser um ciclo dentro de meu coração.
 É um momento pleno emocionalmente em detalhes, mas aquele
 momento pela primeira vez no meu coração e muito feliz.
 Você dedica sua vida à um filho, tudo isso tão
 rápido para obter quando já chega logo após mais
 tempo, para uma mãe, não tem idade, porque
 ela não deixa de pensar no bem estar de seu filho.
 Entre estes momentos marcantes, tem o dia
 do meu casamento, que também foi o meu começo
 de vida em igreja, in para a eternidade meu
 marido, e este mesmo Deus realizou na minha
 vida, foi muito maravilhoso, juntos com meus
 familiares e amigos. Tudo era tão alegre.
 Sou grata por todos estes acontecimentos marcantes
 marcarem a história de minha vida.
 Nesta cidade em que moro, de tão ruim
 trouxe e me traz alegria, de poder viver, junto
 com meus e poder compartilhar todos momentos
 todos juntos. A história que viveu e que
 vou a minha e na vida e viver feliz.

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DO
MESTRADO PROFISSIONAL- PROFLETRAS

Pesquisador: Maria Lúcia da Silva Ferreira

Produção textual inicial

Assim como os autores dos textos que você leu, pesquise, pense e anote os dados que você considerar mais importante a respeito da sua vida. Pense em quem você ,onde mora, com quem convive, um acontecimento marcante, etc. Após pensar e organizar os dados sobre sua vida, comece a escrever um relato pessoal

Com meus 5 anos, fui molestada pelo Meu ex padrasto.

Tudo começou numa tarde quando da minha mãe, precisou sair de casa, Ela me deixou em casa com Ele.

Então fui fazer minha atividade, Sentei no sofá e comecei a fazer. Ele sentou do meu lado ficou se insinuando para mim, Depois, Veio pra cima de mim querer mim tocar, Eu não sabia exatamente o que fazer. Por diversos dias...

Nunca contei a minha mãe por medo. Depois eles brigaram e ela mandou ele ir embora de casa.

Quando eu tinha aproximadamente 12 anos resolvi contar pra minha irmã, pedi segredo porém, ela acabou dizendo a minha mãe, mas não deu em nada pela fato de ter acontecido muitas anos atrás.

Hoje em dia ele chega na minha casa e eu saio correndo!!!

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DO
MESTRADO PROFISSIONAL- PROFLETRAS**

Pesquisador: Maria Lúcia da Silva Ferreira

Produção textual inicial

Assim como os autores dos textos que você leu, pesquise, pense e anote os dados que você considerar mais importante a respeito da sua vida. Pense em quem você, onde mora, com quem convive, um acontecimento marcante, etc. Após pensar e organizar os dados sobre sua vida, comece a escrever um relato pessoal

Minha Infância.

Eu desde criança mim sinto diferente dos meus irmãos, por ser tratada com desigualdade na minha casa, nós eramos em sete irmãos mais não sei de por ser a mais velha sempre afambara, e todos os dias ficava de castigo, não teve um só dia que isso não acontecesse, meu pai era muito bom e sempre enfiava minha mão batido, mais minha mãe era brava e exigente. Perdeu um pouco revoltado com ela e dizia que nunca se perdoaria, mais o tempo passou e mim tornei uma grande mulher, já perdi minha mãe, hoje tudo o que sei devo aos meus pais, que foi quem mim deram a vida meu pai já faleceu no ano de 2008 a saudade é grande 10 anos se passaram mais para mim é como se tivesse sido ontem a mamãe hoje é dependente dos filhos, nós só temos agradecer a deus por ter ela com nós, disse ter filhos e agora sei o que é o significado da palavra família. É amor, carinho, compreensão, presença etc.

Reescreva seu texto, melhorando o que for preciso.

ANEXO E – Segunda Produção do Relato Pessoal

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DO
MESTRADO PROFISSIONAL- PROFLETRAS****Pesquisador: Maria Lúcia da Silva Ferreira****Produção textual final**

Chegamos à etapa final do processo de escrita e reescrita. Nesta etapa vocês são convidados à reescrita de um relato pessoal, agora, baseado na escolha da sua letra de canção preferida considerando, as características do gênero estudado, chegou a sua vez! Prepare-se para recuperar suas experiências de vida, contando-as e revivendo-as. (EJA moderna, 2013. p. 80-81)

A- Planejamento

Por trás de um bom texto, há um longo processo de trabalho. É importante saber que os escritores, quando produzem seus textos, revêem, repensam, reescreve, portanto, antes de começar, reflita sobre esta questão: Há alguma lembrança de sua vida que você considere significativa? Pode ser um fato de sua infância, de sua adolescência, do dia em que se casou, do dia em que o filho nasceu...Lembre-se de que você também pode iniciar sua narrativa contando um momento de sua história e, depois, voltar a fatos anteriores a ele, relacionando-os.

B- Elaboração

Tire alguns momentos para recordar detalhes das lembranças que você vai relatar: Como era o lugar onde o fato ocorreu? Que sentimentos esse lugar desperta em você?Porque ele é especial? Havia cheiro, cores ou outras sensações associadas a ele? Quem são as pessoas que fazem parte dessa lembrança? Qual a sua relação com elas?

Lembre-se de que, para produzir seu texto, você deve usar:

- a 1ª pessoa do discurso, no singular ou no plural;
- verbos no pretérito;
- pronomes possessivos;
- expressões que marcam o tempo;
- descrições detalhadas do lugar, das pessoas, das roupas, etc.

C-Avaliação e reescrita

Releia com atenção o que escreveu, pensando no leitor. O texto está de acordo com as características do gênero relato? As lembranças estão organizadas de forma coerente, ajudando o leitor a perceber o momento em que cada um dos fatos aconteceu? O texto contém descrições e apresenta em detalhes os lugares e as pessoas, por exemplo?

Reescreva seu texto, melhorando o que for preciso.

A História da música que marcou algo bom que aconteceu em minha vida.

As lembranças que esta música minha traz é, de quando eu era criança, numa tarde quando eu, estava assistindo tv, foi a primeira vez que ouviu essa música. Então daí em diante ela ficou muito marcante no meu momento e até me inspirou.

Nos meus tempos, das brincadeiras de bonecas, com meus brinquedos de cozinha, de brincas de cuidar gente com meus irmãos.

É tempo pra se de bom junto com a minha família, na hora do jantar, era uma das momentos mais bon, de quando minha mãe preparava o jantar gostoso, um que delicia, foi me inspirando mais esta letra eu não esqueci, ali que era a verdadeira inspiração, de pedimos nada mais, aqueles desejos.

É uma letra que faz, nos ter uma motivação de que tudo, que nos sonhos no basta acreditar, que pode ser tudo isso.

Luc de cristal é ela que me traz muitas lembranças boas, releve conta, tudo que eu fiz, eu sou então melhor do que eu sou, estou a meu destino onde estou, eu sou melhor a parte e na vida, tudo que eu quiser o caso lá chama até mudar, me dar toda coragem que posso, que não me pite mais, pra lutar, como um soldado, mas sempre insensíveis, pode ser, todo mundo um, e junto não existe mal nenhum, o mundo está no ar, e amor me se conta.

É esse amor hoje me se conta, que tenho uma família maravilhosa, pais irmãos, todos são uma bênção em minha vida. É o que vivemos pra tomar mais vida.

É hoje meu destino é aqui, neste momento bom, que estou estudando, com professores ótimos, colegas de classe maravilhosos.

Apesar de tudo que tenho e tenho, que essa letra, é uma motivação pra não nunca desistir dos meus sonhos, apesar dos obstáculos, mas que nunca desiste de lutar, pra meu objetivo.

É tudo que eu fiz eu sou então melhor do que eu sou, meu destino está aqui, eu sou então melhor do que eu sou, e na vida, tudo que eu quiser o caso lá chama até mudar, me dar toda coragem que posso, que não me pite mais, pra lutar, como um soldado, mas sempre insensíveis, pode ser, todo mundo um, e junto não existe mal nenhum, o mundo está no ar, e amor me se conta.

Luc de cristal, que ela sempre brilha, pra o mundo se realçar. É que não nunca desiste de lutar, quem nunca desiste.

Reescreva seu texto, melhorando o que for preciso.

Não vou contar o meteco dessa música
 Já marcado minha vida.

Era um amigo especial, que sempre
 cantava uma música,
 nos dois namos muito íntimos, sempre
 estava comigo, até no segundo dia
 de Carnaval ele quis vir pra gente
 e vir, foi que não dava certo
 por causa de debates nos pátos da
 polícia, mais eu não imaginava
 e que estava por vir, então ele deu es-
 tado eu não sabia, ele brigou por
 causa disso, na manhã mais ele saiu
 no outro dia acharam ele caído, inen-
 scível, levaram pra Recife, entubaram
 ele, e ficou em coma por 14 dias.

Quando completou os 15 dias ele abriu
 o olho e depois mais os outros e logo
 em seguida chegou a óbito.

Então vou da música, pra mim
 o mundo tinha deixado, comecei a
 pensar a lembrar os momentos legais
 e os estudos que fiz, inclusive passado
 principalmente alguns estudos.

É só pra mim 9 meses que ele não
 está mais aqui. Mais meu pensamento
 a real, e que não imaginando que
 poderia ter sido diferente, e que quis
 fazer um presente pra tudo.

É no final de tudo a música
 que ele gostava. E que pra sempre vou
 ouvir.